

NA ÚLTIMA

Tentativa

Culturas, identidades e
saberes populares na EJA

Organizadores

Juliano Gonçalves Pereira

Cíntia Regina de Fátima

Andreza Prevot

Maria do Socorro Vasconcelos

Ailse de Cássia Quadros



Organizadores

Juliano Gonçalves Pereira
Cíntia Regina de Fátima
Andreza Prevot
Maria do Socorro Vasconcelos
Ailse de Cássia Quadros

NA ÚLTIMA *Tentativa*

**Culturas, identidades e saberes
populares na EJA**

Volume 5



Montes Claros / MG – Brasil
Editora do IFNMG
2026

Copyright © da Editora do IFNMG

EDITOR EXECUTIVO

Gustavo Henrique Silva de Souza

EDITORA EXECUTIVA

Alínice Alves Jardim

EDITOR EXECUTIVO

Edinei Canuto Paiva

BIBLIOTECÁRIO(A) RESPONSÁVEL

Elciax Cristina de Sousa

COORDENAÇÃO GERAL

Ailse de Cássia Quadros

COORDENAÇÃO FINANCEIRA

Valdeci Ferreira dos Santos

APOIO ADMINISTRATIVO

Francisco Wenderson Pereira de Souza

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

Nilande Mendes Barbosa e Costa

Juliano Gonçalves Pereira



COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Juliano Gonçalves Pereira

ASSESSORIA DE PESQUISA

Cíntia Regina de Fátima (CEDAPS)

COORDENAÇÕES ADJUNTAS/PESQUISADORES

Tânia Maria Mares Figueiredo (Almenara)

Andréa Flores Oliveira (Araçuaí)

Ursulina Alves (Arinos)

Dayane Mota Santos Lisboa (Diamantina)

Viviane Mangabeira Ormundo (Janaúba)

Francisco Farlei de Carvalho Lisboa (Janaúria)

Jelson Luiz Dick (Pirapora)

Guilherme Tarcisio Leal (Porteirinha)

Lucas Diego Antunes Barbosa (Salinas)

Carlos Alberto Lopes dos Santos de Oliveira (Teófilo Otoni)

REVISÃO E EDITORAÇÃO

Revisão

Ana Rosa Andrade

Diagramação e capa

Alinne Paula da Silva

A presente obra passou por avaliação por pares, aprovada para publicação pelo Conselho Editorial da Editora do IFNMG. A presente obra recebeu financiamento por meio do Edital nº 17/2022, vinculado ao Programa de Apoio à Oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), do Governo Federal.

C968 2026 v. 5	Culturas, identidades e saberes populares na EJA, vol. 5 / Juliano Gonçalves Pereira; Cíntia Regina de Fátima; Andreza Prevot; Maria do Socorro Vasconcelos; Ailse de Cássia Quadros; (organizadores). – Montes Claros: IFNMG, 2026. 96 p. – (Coleção Na Última Tentativa; v. 5). e-ISBN: 978-85-67611-46-4 ISBN: 978-85-67611-49-5 Inclui referências. 1. Educação de Jovens e adultos. 2. Culturas. 3. Formação de professores. I. Pereira, Juliano Gonçalves (org.). II. Fátima, Cíntia Regina de (org.). III. Prevot, Andreza (org.). IV. Vasconcelos, Maria do Socorro (org.). V. Quadros, Ailse de Cássia (org.). CDD: 374
----------------------	--

Bibliotecária Elciax Cristina de Sousa - CRB/6 2065

Índice para Catálogo Sistemático

1. Educação de Jovens e adultos

2026

Realizado depósito legal conforme Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora do IFNMG

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora do IFNMG

Tel.: (38) 3218-7326 – E-mail: editora@ifnmg.edu.br

Conheça a Editora do IFNMG: <https://editora.ifnmg.edu.br/>

CONSELHO CIENTÍFICO

(Portaria Reitora nº 1.317/2026)

Mariana Mapelli Paiva (IFNMG /
Campus Almenara)

Ednilton Moreira Gama (IFNMG /
Campus Almenara)

Eliane Macedo Sobrinho Santos (IFNMG /
Campus Araçuaí)

Lilian Gonçalves de Melo (IFNMG /
Campus Araçuaí)

Ernani Calazans de Oliveira (IFNMG /
Campus Araçuaí)

Alisson Macendo Amaral (IFNMG /
Campus Arinos)

Inácio Barbosa Borges (IFNMG / Campus Arinos)

Pedro Henrique Prado da Silva (IFNMG /
Campus Arinos)

André Silva de Oliveira (IFNMG / Campus Arinos)

Juliana Rocha de Meira Pires (IFNMG /
Campus Diamantina)

Dayse Lúcida Silva Santos (IFNMG /
Campus Diamantina)

Marli Silva Fróes (IFNMG / Campus Diamantina)

Dayse Aparecida Silva Pereira Coutinho (IFNMG /
Campus Janaúba)

Marineide Almeida Rocha (IFNMG /
Campus Janaúba)

Fernanda Kerley Queiroz Vieira (IFNMG /
Campus Janaúba)

Jucielle Macedo Alves (IFNMG / Campus Janaúba)

Josye Gonçalves Ferreira (IFNMG /
Campus Janaúba)

Márcio Adriano Santos (IFNMG/Campus Janaúba)

Claubert Wagner Guimarães de Menezes (IFNMG
/ Campus Janaúria)

Heron Walmor Santos Cruz (IFNMG /
Campus Janaúria)

Maria Rosilene Alves Damasceno (IFNMG/
Campus Janaúria)

José Aparecido Soares Lopes (IFNMG/
Campus Janaúria)

Josué Antunes de Macedo (IFNMG /
Campus Janaúria)

Petrônio Cândido de Lima e Silva (IFNMG /
Campus Janaúria)

Wanderson Pereira Araújo (IFNMG /
Campus Janaúria)

Edson Oliveira Neves (IFNMG / Campus Janaúria)

Roberto Comini Frota (IFNMG / Campus Janaúria)

Eduardo Cabral da Cruz (IFNMG /
Campus Janaúria)

Tattiane Gomes Costa (IFNMG / Campus Janaúria)

Pedro Borges Pimenta Júnior (IFNMG /
Campus Janaúria)

Marcos Aurélio Duarte Carvalho (IFNMG /
Campus Janaúria)

Tadeu Knewitz Zubaran (IFNMG / Campus
Montes Claros)

Carlos Alexandre de Oliveira (IFNMG / Campus
Montes Claros)

Fernanda de Lima Menezes (IFNMG / Campus
Montes Claros)

Patrícia Teixeira Sampaio (IFNMG / Campus
Montes Claros)

Edmara Moreira Cerqueira (IFNMG /
Campus Pirapora)

Breno Alcântara Silva (IFNMG / Campus Pirapora)

Christiano Titoneli Santana (IFNMG /
Campus Pirapora)

Marília Dutra Massad (IFNMG / Campus Salinas)

Tiago Reis Dutra (IFNMG / Campus Salinas)

Tatianne Gizelle Marques Silva (IFNMG /
Campus Salinas)

Alex Sander Luiz Campos (IFNMG /
Campus Salinas)

Américo Fernando de Souza Alves (IFNMG /
Campus Teófilo Otoni)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	9
SEÇÃO 1. SABERES, HISTÓRIAS E PRÁTICAS NA CULTURA URBANA.....	11
CULTURA E APRENDIZAGEM NA EJA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA VALORIZAÇÃO DOS SABERES LOCAIS	13
BRASÍLIA, MINHA CIDADE: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
CONHECENDO A HISTÓRIA DA MINHA CIDADE: UM OLHAR SOBRE O PONTO DE VISTA DA EJA.....	26
TECENDO SABERES: PROMOVENDO A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	30
INTEGRANDO SABERES E SABORES: O USO DE RECEITAS CULINÁRIAS NA PEDAGOGIA DE PROJETOS EM TURMAS DA EJA ENSINO FUNDAMENTAL I.....	34
SEÇÃO 2. SABERES E TRADIÇÕES NA CULTURA CAMPESSINA	43
PROJETO “SE APROCHEGUE”	44
QUINTAIS DO MORRO DAS FLORES: IDENTIDADE, SABERES E SABEDORIAS!	48
INTEGRAÇÃO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS E TECNOLOGIAS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS E QUILOMBOLAS	56
RAÍZES DO CONHECIMENTO: UMA JORNADA COM PLANTAS MEDICINAIS	63
ARTICULANDO SENSO COMUM E CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO ESTUDO DAS PLANTAS MEDICINAIS	67
SEÇÃO 3. SABERES E IDENTIDADE NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA	73
RELAÇÕES RACIAIS: RAÇA E IDENTIDADE NA ESCOLA	74
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM A LITERATURA DE CORDEL	87
“SILÊNCIO FERÓZ”: PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAÚNA/MG	94

PREFÁCIO

Não nos deixemos levar somente pela busca imediata das respostas a partir da construção de soluções pedagógicas inovadoras que fortaleçam a Educação de Jovens e Adultos (EJA); devemos persistir para que estas não deixem de existir até encontrarmos caminhos múltiplos que inspirem tentativas e convidem pessoas para essa busca e efetivação de soluções. Instituições públicas, privadas e sociais, que têm seus profissionais comprometidos com o ensino público, gratuito, participativo e de qualidade, estarão sempre atentas, exercitando alternativas para que não seja, para muitos, a última tentativa, a última aposta na educação ou apenas mais uma apresentada.

Os esforços que materializam esse livro buscam amplificar reflexões e intenções, potencializando vozes e ações de profissionais que escolheram a EJA como lugar de atuação real e comprometida, militância e transformação social por meio da educação, e não somente apresentar a sociedade planos de intervenções que buscam o fortalecimento desta modalidade e suas potencialidades. Esta intenção bastaria para justificar a importância desta obra.

Muito além, os textos aqui reunidos revelam a amplitude e oferecem espaço à diversidade do conhecimento, trocas com circulação de atores e papéis e fazem entender o quanto a cultura e saberes locais precisam estar naturalizados nas escolas.

As vivências, os saberes populares, os territórios e as pessoas que neles vivem, com suas múltiplas vulnerabilidades e complexidades sociais, as levam a elaborar as respostas para seus principais problemas e necessitam pensar caminhos e ser escutadas e validadas. Em outras palavras, abrir espaços para jovens e adultos que não completaram seus estudos no período “estipulado e compreender suas percepções, ciências, tecnologias e soluções é uma medida significativa e atuante que desloca o público EJA do lugar de vítima e o coloca

na posição de atuação para solução, com participação ativa e conjunta das instituições e seus profissionais.

Desfrute dessa leitura sem moderação e se permita transitar em outras visões de mundo e de caminhos para o conhecimento que sempre coexistiram na educação formal, mas que ainda precisam ser efetivas, comprometidas, realizadoras e incorporadas aos mecanismos de transformação da Educação de Jovens e Adultos.

Por fim, este livro se inscreve como um chamado. Um chamado à defesa intransigente da Educação de Jovens e Adultos (EJA), à criação, manutenção e renovação de políticas públicas que garantam financiamento, infraestrutura, conectividade e formação continuada. Um chamado à valorização dos professores que, mesmo em contextos adversos, seguem apostando na EJA como espaço de reconstrução de trajetórias, de recomposição de sonhos e de afirmação da dignidade humana.

Mais do que um repositório de planos de intervenção, esta obra se constitui como um manifesto pedagógico: em tempos de profundas desigualdades, negar a EJA é negar o direito de milhares de sujeitos de se tornarem, plenamente, leitores, trabalhadores, cidadãos e protagonistas de suas próprias histórias.

Maria do Socorro Vasconcelos - Diretora do CEDAPS

APRESENTAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é determinada pela conjuntura histórica, social, política e cultural, que afeta diretamente as concepções e práticas educacionais destinadas a quem não concluiu a educação básica na idade prevista. Para além da função de reparação histórica, a EJA constitui-se como uma política pública de inclusão social, que amplia as possibilidades de transformação da realidade dos mais desfavorecidos por meio da educação popular e de pedagogias sensíveis, rebeldes e afetuosas.

O “NortEJA: IFNMG e a EJA Integrada” é a contribuição do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), financiado pelo Edital nº 17/2022, vinculado ao Programa de Apoio à Oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), do Governo Federal. Esse projeto foi elaborado para contribuir com o fortalecimento da EJA no Norte de Minas Gerais e nos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri.

O NortEJA foi desenvolvido em nove campi do IFNMG, precisamente em Almenara, Araçuaí, Diamantina, Janaúba, Januária, Pirapora, Porteirinha, Salinas e Teófilo Otoni, alcançando mais de 30 municípios. O projeto abriu mais de 2.000 vagas para formação inicial e continuada para estudantes e professores no norte de Minas Gerais e nos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, alcançando comunidades urbanas, ribeirinhas, quilombolas e pessoas privadas de liberdade.

O NortEJA ofereceu, em sua vasta lista de cursos de formação continuada, considerando as necessidades de cada território, um curso destinado a capacitar professores para atuar na EJA. O curso de Formação Continuada para Atuação na EJA obteve o maior número de interessados e concluintes, exigindo ampliação tanto no número de vagas quanto na oferta, e foi realizado em dois momentos distintos.

Este livro configura-se como um instrumento pedagógico, destinado a apoiar e potencializar iniciativas inovadoras na EJA. É resultado da formação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos no Norte de Minas Gerais, tornando o percurso educacional mais leve, sobretudo para os que apostam na EJA como a última tentativa da educação formal.

A partir das experiências de implementação do NortEJA, o livro reúne experiências que se apresentam como alternativas ousadas, capazes de enfrentar os desafios históricos nessa modalidade, que vão desde a definição de estratégias didáticas e metodológicas até as condições de acesso e permanência dos estudantes. Ao mesmo tempo, ressalta a importância da qualificação profissional como central para a mobilidade social dos estudantes. Assim, o material aqui reunido não apenas orienta práticas educativas, mas também se integra a um movimento mais amplo de inquietudes e promoção da inclusão social, ampliação das oportunidades para que professores da EJA não percam o esperar na educação.

Também é importante ressaltar que a modelação deste curso para formar professores para a EJA contou com a parceria de várias organizações e instituições sociais, entre as quais se destaca o acordo de trocas metodológicas estabelecido com o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS).

O CEDAPS é uma instituição do terceiro setor que cedeu sua tecnologia social Construção Compartilhada de Soluções Locais ao NortEJA; a partir disso, estimulou o uso de estratégias pedagógicas pautadas nas realidades e potencialidades territoriais, o que contribuiu significativamente para retenção e permanência dos estudantes nos cursos. Além disso, também ofereceu suportes e subsídios teóricos e metodológicos que favoreceram a ampliação da taxa de conclusão dos estudantes participantes do NortEJA.

Este livro, intitulado NA ÚLTIMA TENTATIVA: cultura, identidade e saberes populares na EJA, reúne as reflexões e práticas de profissionais que concluíram o curso de Formação Continuada para Atuação na EJA oferecido pelo NortEJA. Os textos aqui compilados são resultados da sistematização das inquietações e experiências práticas e teóricas dos profissionais da EJA, que ampliam o acervo de intervenções possíveis para a EJA, revelando caminhos a se trilhar na direção de uma educação humana, afetuosa e transformadora.

A obra é dividida em três seções e reúne 13 propostas de planos de intervenção pedagógica que, a partir de distintas perspectivas territoriais, oferecem contribuições significativas para a compreensão e o fortalecimento da EJA no Norte de Minas Gerais, nos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri e em todo o Brasil.

Dr. Juliano Gonçalves Pereira
Dra. Cíntia Regina de Fátima

**SEÇÃO 1:
SABERES,
HISTÓRIAS E
PRÁTICAS NA
CULTURA URBANA**

CULTURA E APRENDIZAGEM NA EJA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA VALORIZAÇÃO DOS SABERES LOCAIS

Ricardo Silva de Santana¹

Alerandro Soares da Silva²

Introdução

Itapororoca é um município paraibano, situado na mesorregião da Mata Paraibana e na Microrregião do Litoral Norte. Geograficamente, está localizado no meridiano 35°14'42" Oeste e no paralelo 6°50'18" Sul (Silva, 2017). O município possui uma população de 18.382 habitantes, segundo o IBGE (2022). A taxa de escolaridade para crianças de 6 a 14 anos é de 97,1% (IBGE, 2010). No entanto, em 2010, a taxa de analfabetismo entre jovens e adultos de 15 a 24 anos era de 91,4%. Esse dado destaca a necessidade de intervenções para reduzir o analfabetismo nessa faixa etária (IDEME, 2010). Itapororoca é reconhecida tanto por suas belezas naturais, como as águas cristalinas, quanto por sua forte produção agrícola, especialmente de abacaxi e de cana-de-açúcar (Silva, 2017). Além disso, suas tradições culturais, como quadrilhas juninas, vaquejadas e festivais católicos, enriquecem a identidade local. A cidade se destaca ainda como a “terra do abacaxi” e por garantir o abastecimento gratuito de água a todos os seus habitantes. Diante desse cenário, é essencial resgatar a cultura, o lazer e os costumes locais, além de focar no aprendizado dos alunos da EJA, a fim de promover o protagonismo, a criatividade e a eficácia do ensino. Para isso, será realizada uma amostra do material produzido pelos estudantes durante a Semana do Meio Ambiente no Parque Ecológico da Nascença e nas escolas, bem como na comemoração do aniversário da cidade, com intuito de resgatar os costumes e auxiliar no ensino-aprendizado de jovens e adultos no município de Itapororoca.

1 Graduado em Ecologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

2 Graduado em Ecologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Justificativa

Correlacionar cultura, meio ambiente e sustentabilidade em práticas educativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma maneira eficaz de promover a inclusão e enriquecer a formação dos educandos, valorizando seus saberes empíricos. Integrar a cultura local nas atividades educacionais permite conectar as vivências dos alunos, valorizando suas histórias e tradições, e promove o desenvolvimento de habilidades transversais, como o respeito e a inclusão. Além disso, a incorporação de práticas sustentáveis, como a construção de artesanato local e o uso de ferramentas digitais, contribui para a educação ambiental e fortalece o engajamento dos alunos. Essas práticas não apenas incentivam a permanência e a conclusão do Ensino Fundamental e Médio, mas também ajudam a reduzir a taxa de analfabetismo na cidade e no estado. Por fim, essas abordagens podem servir como modelo para outras iniciativas semelhantes, oferecendo um exemplo prático de como a integração de cultura e sustentabilidade pode beneficiar estudantes jovens e adultos em diversos contextos.

Objetivo Geral

Integrar os saberes populares e as tradições culturais dos alunos ao currículo da EJA, promovendo o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos.

Objetivos Específicos

- » Valorizar a identidade cultural dos alunos da EJA;
- » Desenvolver atividades que estimulem a troca de experiências e saberes entre os alunos;
- » Incentivar o uso da oralidade, escrita e expressão artística para documentar e compartilhar esses saberes;
- » Resgatar costumes e tradições, correlacionar com a cultura local, sustentabilidade e aprendizado;
- » Produzir recurso didático como base para ensino de jovens e adultos.

Metodologia

O projeto foi pensado para ser realizado na Escola Municipal Henrique de Almeida, localizada no município de Itapororoca, Paraíba, Brasil, com turmas da EJA do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II.

A metodologia é focada na participação ativa dos alunos, com rodas de conversa para compartilhar saberes, enquanto os professores atuarão como mediadores, conectando esses conhecimentos ao contexto dos estudantes; dessa forma, destacando os tema-chave abordados a partir do conhecimento prévio dos educandos, que posteriormente serão abordados e aplicados nas oficinas práticas de educação ambiental e artesanato, permitindo que os alunos desenvolvam novos conhecimentos a partir de suas tradições e saberes.

Valorizar o conhecimento gerado no cotidiano escolar é fundamental, assegurando, assim, o seu devido reconhecimento sociocultural (Dos Santos *et al.*, 2017). Os educandos também participarão da criação de um livro de memórias, registrando suas produções e reflexões. Em cada etapa, haverá momentos de reflexão coletiva para estimular o pensamento crítico e promover a autonomia intelectual dos alunos, ajudando-os a entender melhor sua própria realidade.

Ao final, será produzida uma amostra de todo conteúdo produzido em audiovisual, escrita, artesanato, jogos e brincadeiras, que será exposta em datas comemorativas da cidade e também nas datas ambientais.

Desenvolvimento

O projeto será desenvolvido em fases, com o objetivo de explorar e valorizar as experiências culturais dos alunos, promovendo sua participação ativa e reflexão crítica. Cada etapa detalha o papel do professor e as responsabilidades dos alunos.

Preparação e planejamento

- » **Professor:** identificará os conhecimentos culturais dos alunos, organizará materiais e recursos, e planeja rodas de conversa e oficinas práticas alinhadas aos interesses dos alunos;
- » **Aluno:** será introduzido ao projeto e incentivado a refletir sobre suas vivências e saberes culturais.

Rodas de conversa

- » **Professor:** facilitará um ambiente de respeito, conduzindo a reflexão sobre a relação entre saberes culturais e o contexto atual;
- » **Aluno:** participa ativamente, compartilhando experiências, escutando colegas e colaborando para enriquecer o diálogo.

Oficinas práticas

- » **Professor:** coordena oficinas de culinária e artesanato, oferecendo orientações e suporte, e ajudará os alunos a relacionar suas tradições culturais com o conhecimento acadêmico;
- » **Aluno:** engajar nas atividades práticas, criando artefatos e refletindo sobre o valor cultural de seus saberes.

Produção de material didático

- » **Professor:** orientará a criação do livro de memórias, organizando o conteúdo e garantindo a coerência das produções dos alunos;
- » **Aluno:** contribuirá com textos, desenhos e fotografias, documentando vivências e reflexões para compor o material didático.

Reflexão coletiva e mostra cultural

- » **Professor:** facilitará momentos de reflexão coletiva e coordenará a Mostra Cultural, organizando a apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos;
- » **Aluno:** participará das discussões reflexivas e apresentará suas produções na Mostra Cultural, colaborando com o evento e celebrando o aprendizado coletivo.

Recursos Didáticos Necessários

Materiais para rodas de conversa

- » **Quadro branco e marcadores** para registrar ideias e reflexões durante as discussões;
- » **Fichas de papel e canetas** para que os alunos possam organizar suas ideias por escrito e compartilhá-las;
- » **Gravador ou câmera** para registrar as conversas e reflexões, facilitando a análise posterior.

Materiais para oficinas práticas

- » **Educação ambiental:** equipamentos para plantio de mudas: sacos reutilizados a partir de kg de alimentos (arroz, açúcar, entre outros), sacolas, substrato feito a partir de compostagens, luvas, sementes e mudas florestais e de sementes colhidas pelos agricultores locais;
- » **Artesanato:** papel reutilizado, pincéis, tesouras, cola, tecidos, entre outros materiais necessários para as atividades;
- » **Equipamentos de segurança:** luvas e óculos de proteção para garantir a segurança durante as atividades práticas;
- » **Produção de tintas:** urucum, areia, açafrão, barro, peneira, balde, cola e pigmentos de cores.

Materiais para produção de material didático

- » **Papéis e cadernos** para a criação do livro de memórias ou caderno de saberes locais;
- » **Materiais de escritório** (canetas, lápis, borrachas e régua) para organização e elaboração dos conteúdos;
- » **Espaço de apresentação da mostra cultural** (sala de aula e/ou Parque Ecológico da Nascente, que é um local conhecido pela população de Itapororoca);
- » **Equipamentos audiovisuais** (projektor e computador) para exibir apresentações e materiais produzidos;
- » **Materiais para decoração** (tecido, papel colorido e outros itens) para tornar o ambiente visualmente atrativo. Preferência por material reutilizado, para evitar os custos desnecessários de verba e material.

Recursos de apoio

- » **Biblioteca e recursos digitais:** livros, artigos e materiais online para apoiar a compreensão dos temas;
- » **Ferramentas de feedback:** questionários ou formulários para avaliar o progresso e a eficácia das atividades.

Desafios e Potencialidades

» Desafios

Um dos principais desafios da intervenção na EJA é a diversidade de perfis dos alunos, com diferentes níveis de escolaridade, idades e experiências, o que dificulta o engajamento equilibrado. Pode haver resistência inicial em compartilhar saberes culturais, por timidez ou falta de valorização. A falta de recursos ou infraestrutura, como materiais para oficinas e equipamentos audiovisuais, e a limitação de tempo, especialmente para alunos que conciliam estudo e trabalho, também são obstáculos.

» Potencialidades

Apesar dos desafios, o projeto tem grande potencial pedagógico. Ao valorizar os saberes culturais, a autoestima é fortalecida e o conhecimento formal é conectado às vivências dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo. A metodologia baseada no diálogo e produção colaborativa incentiva o protagonismo, desenvolve habilidades críticas e criativas, e as oficinas práticas e materiais coletivos reforçam o aprendizado ativo. A Mostra Cultural promove integração entre alunos e comunidade, criando um ambiente colaborativo e inclusivo.

Considerações Finais

Espera-se que esta intervenção pedagógica na EJA promova uma transformação no ensino e na aprendizagem ao valorizar os saberes culturais dos alunos e integrá-los ao currículo. Ao criar espaços de diálogo e reflexão, o projeto busca fortalecer a autoestima dos estudantes e enriquecer o ambiente escolar com tradições e conhecimentos locais.

A intervenção também pretende desenvolver habilidades críticas e criativas, incentivando a formulação de hipóteses e a produção de conhecimento. Materiais didáticos como o livro de memórias e a Mostra Cultural serão marcos desse processo, destacando o valor do conhecimento coletivo.

Finalmente, espera-se que essa abordagem promova um ambiente escolar mais inclusivo, onde o diálogo entre saberes populares e acadêmicos fortaleça a autonomia dos alunos e ofereça uma educação mais conectada com suas realidades culturais e sociais.

Referências Bibliográficas

DOS SANTOS, JULIANA SILVA; DE SENNA CORREA, Ivan Livindo. **A formação docente na EJA: amorosidade, experiência e valorização do professor.** Cadernos de aplicação, v. 30, n. 1-2, 2017.

PORTAL ODM - **Acompanhamento Municipal dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.** Disponível em [itapororoca.pdf \(ideme.pb.gov.br\)](#). Acesso no dia 04 de setembro de 2024.

SILVA, Severina Márcia da. **A festa de Santos Reis na Cidade de Itapororoca-PB.** 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: IBGE | Portal do IBGE | IBGE. Acesso no dia 04 de setembro de 2024.

BRASÍLIA, MINHA CIDADE: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Marcos Augusto Fonseca Rodrigues³

Introdução

A presente proposta de intervenção pedagógica emerge da necessidade de conhecer como os alunos se relacionam com a cidade. Neste caso, Brasília⁴ — por suas características — é o cenário perfeito para refletir sobre pertencimento e cidadania. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio foram escolhidos por serem adultos e, na maioria dos casos, já trabalharem, exercendo movimentações pela cidade. Acredito que o sentimento de pertença tem relação direta com identidade, e esta última, por ser constitutiva do ser, influi na própria imagem que uma pessoa tem de si e de sua relação com a cidade. No caso particular de Brasília e de suas carências, Arruda (2008) infere se há “a existência ou não de uma identidade característica do povo brasiliense”.

A partir do fenômeno conhecido como globalização, a concepção de identidade tornou-se mais diversificada, oferecendo uma variedade de escolhas para a definição de grupos e indivíduos. Isso indica que os critérios para compreender a noção de pertencimento estão relacionados a decisões subjetivas e passageiras. Nesse contexto de constante diversificação e valorização da diversidade, as identidades são vistas como distintivas de minorias. Bauman (2005), a partir da ideia de modernidade líquida, ao se defrontar com a centralidade do “problema da identidade”, mostra a ocorrência de uma “crise de pertencimento” que caracteriza o atual momento histórico e

que define pela fluidez, ou seja, o que antes lhe dava sustentação (nação, gênero, família etc.), hoje tem um caráter líquido. Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso (Bauman, 2005, p. 30).

3 Professor de espanhol na Secretaria de Educação do DF. cursando segunda habilitação em língua portuguesa no IFB e com mestrado em andamento sobre políticas linguística pela UFMG.

4 Artigo: Brasília, cidade da esperança. Disponível em: <https://especiais.correiobraziliense.com.br/aniversario-de-brasilia/artigo-brasilia-cidade-da-esperanca/>. Acesso em: 11 set. 2024

Ao reconhecer que muitos dos cidadãos da capital do Brasil são imigrantes, e dada a organização territorial da cidade, entendo que uma forma de despertar essa consciência crítica é permitir aos alunos da EJA fazer uma leitura da cidade a partir de seus lugares de existência e de sobrevivência. Emerge, assim, essa proposta de intervenção pedagógica com o fim de provocar os estudantes e permitir que construam uma identidade que os relacione com o espaço demográfico e social. Para Milton Santos,

o território se impõe como uma condição continente ao conteúdo da política e da cidadania, e a vida social requer um componente cívico que “supõe a definição prévia de uma civilização que se quer, o modo de vida que se deseja para todos, uma visão comum do mundo e da sociedade, do indivíduo enquanto ser social e das suas regras de convivência” (1987, p.5).

A inclusão é uma premissa da educação nos dias atuais; portanto, esta proposta se justifica por proporcionar as ferramentas que possibilitem relacionar a história desses sujeitos à própria intencionalidade da proposição. Como afirma Freire (1996, p. 36), “se o homem é o sujeito de sua própria educação, não é somente objeto dela; como ser inacabado não deve render-se, mas interrogar e questionar”. A metodologia inclui vídeos, fotografias, textos e rodas de conversa como estratégias para alcançar o objetivo geral de contribuir para que os alunos se sintam pertencentes à cidade.

Justificativa

A proposta se justifica pela observação de que a cidade de Brasília foi construída de modo que as pessoas sejam livres, ao mesmo tempo em que sejam distantes. A organização da cidade em regiões administrativas pensou em preservar áreas verdes entre os núcleos urbanos, mas acabou por colocar muitos quilômetros de separação entre a sua gente. Para piorar, essas áreas de preservação natural acabaram sucumbindo à especulação imobiliária e à grilagem de terras, criando bairros desordenados ou muito verticalizados com pouca estrutura.

A ideia de trabalhar o tema com o público da EJA baseia-se na necessidade de eliminar essas barreiras invisíveis, porém muito marcadas na sociedade brasileira. A não escolarização em etapa própria⁵ — como é tratado o tema —, além da evasão escolar nos mais jovens, revela o quadro de desigualdades que ainda é preciso superar. É preciso pensar onde a vida real dos sujeitos se conecta com a Educação de Jovens e Adultos e entender que

(...) todos os sujeitos envolvidos com a EJA – educadores, educandos, pesquisadores e gestores – devem buscar os caminhos que articulem a vida concreta dos sujeitos da EJA e suas especificidades, para a partir daí construir um currículo e uma escola que possam atendê-los (Arroyo, 2007, p.6).

Com isso, crê-se que, ao discutir a organização física e social da cidade, é possível mitigar os efeitos dessas desigualdades que tornam esses sujeitos não pertencentes ao conjunto da sociedade. A consciência da problemática em si, já indica a possibilidade de realização: primeiro, porque os alunos verão refletida na atividade sua própria relação com a cidade; segundo, porque se vislumbra aqui a possibilidade de mitigar tais efeitos, integrando esses sujeitos à cidade.

A integração é um importante fator de inclusão. Eliminar as disparidades — nesse caso específico, as distâncias que inicialmente são geográficas, mas que se refletem em camadas mais subjetivas do ser humano — será, no nosso entendimento, um caminho para a melhora da pertença, da autoestima e, sobretudo, da identidade como brasileira.

Objetivo Geral

Contribuir para que os alunos se sintam parte da cidade.

5 As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (Brasil, 2000) reconhecem que a exclusão social tão significativa no Brasil é acentuada pela defasagem educacional a que foram submetidos muitos brasileiros, negando seu direito de participação no exercício pleno da cidadania e de integração à vida produtiva de maneira mais efetiva, com seus direitos garantidos legitimamente.

Objetivos Específicos

- » Conhecer a relação dos alunos com a cidade;
- » Identificar as crenças dos alunos sobre cidadania;
- » Aumentar o sentimento de pertença à cidade.

Metodologia

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) trazem contribuições sobre a sequência didática (SD), ressaltando a importância de planejar atividades sequenciais e progressivas que favoreçam a aprendizagem significativa dos estudantes. Propõe-se uma aula dialogada sobre onde vivemos e de onde procedemos, com exibição de vídeo e leitura de texto. Os alunos devem refletir sobre a leitura e trazer fotos para a próxima aula.

No segundo encontro, procede-se à construção de um mural com as fotos e a fala de cada aluno sobre elas; em seguida, projetam-se fotos de vários lugares da cidade para que os alunos digam se as conhecem ou não, e se desejam conhecer.

Na terceira aula, com o uso do *Google Street View*, os alunos devem escolher os lugares que serão visitados e por quê. Realiza-se um sorteio com papeletas com nomes de lugares a serem visitados e fotografados por cada aluno.

No último encontro, os estudantes devem trazer as fotos impressas para compor uma exposição e a subsequente roda de conversa.

Desenvolvimento

O professor apresenta um mapa da cidade e inicia a intervenção com uma conversa informal a fim de saber onde vivem os alunos e quais são seus lugares de origem, levando em conta que boa parte da população atual de Brasília é, em sua maioria, imigrante. Na sequência, exibe um vídeo sobre a construção da cidade e orienta os alunos a fazerem anotações sobre pontos que julguem importantes. Em seguida, facilita-lhes um texto sobre a mudança e fundação da nova capital e realiza-se uma leitura coletiva. Orienta os alunos a refletirem sobre o conteúdo da aula e a trazerem fotos de seus lugares de origem — no caso de migrantes — e da região onde vivem.

Na aula seguinte, o grupo constrói um mural com as fotos; cada um é incentivado a falar sobre as imagens, trazendo informações importantes para a aula. Na sequência, o docente projeta fotos de diversos lugares da cidade e lhes pergunta se já os visitaram. O objetivo é entender como os alunos veem e como se relacionam com a cidade. Esse momento é crucial para reconhecer as crenças dos alunos sobre a cidade e quais espaços correspondem a cada um, a uma pertença integral ou parcial, ditada por quais forças da sociedade.

Na terceira aula, a ideia é fazer uma visita guiada pelo *Google Street View* por várias regiões da cidade; aqui o professor pede que identifiquem elementos que justifiquem esse distanciamento. Porque a ferramenta digital retrata tão bem as áreas nobres da capital e não o faz de tal modo na periferia? A intenção nesse momento é levar ao pensamento crítico rumo aos objetivos da proposta. Propõe-se uma discussão com o intuito de identificar como as crenças se estabelecem sobre os acordos tácitos da sociedade local, delegando um lugar a cada grupo de indivíduos. Uma dupla de alunos sorteia as papeletas com lugares da cidade que cada um deveria visitar e fotografar, trazendo as imagens impressas para o próximo encontro.

A proposta culmina com uma exposição de fotos e uma roda de conversa, em que os alunos devem avaliar o processo da proposta educativa e como ela os afetou. Espera-se que haja um aumento do sentimento de pertença, um despertar crítico para ler as estruturas sociais estabelecidas e a percepção de como romper com essas barreiras e limitações.

Recursos Didáticos Necessários

- » Banner com o mapa da cidade;
- » Projetor;
- » Textos impressos;
- » Papel e caneta;
- » Fotos;
- » Cartolinas;
- » Internet;
- » Ferramenta digital *Google Street View*;
- » Celulares.

Desafios e Potencialidades

Os alunos da EJA, em sua maioria, já trabalham e chegam muito cansados à escola, sendo costume faltar às aulas. Diante disso, o docente precisa estabelecer um plano de aula que especifique muito bem a sequência das atividades para alcançar os objetivos propostos e motivar o grupo. É evidente que, com esse público, é preciso explicar bem a proposta e propor uma reflexão para que se envolvam e assim deem prosseguimento às etapas seguintes.

O professor deve criar algumas estratégias para minimizar qualquer contratempo, desinteresse, falta ou mesmo não cumprimento das tarefas por parte dos estudantes. Deve também ter a sensibilidade que o assunto requer, pois, ao tratar de temas delicados como a segmentação social, alguns alunos podem experimentar sensação de tristeza e ansiedade. Caso isso ocorra, o professor deve imediatamente parar a aula e trazer alguma novidade que, ainda dialogando com o contexto da proposta, seja de cunho lúdico, como charges, memes e outros materiais semelhantes.

Contudo, a proposta pode melhorar muito a relação dos estudantes com a urbe, criando elos de cidadania e a compreensão do direito de circular e transitar pela cidade sem crenças limitantes relacionadas com às classes sociais. Ao trabalhar esse conteúdo, o docente e a escola cumprem com as metas de inclusão previstas em documentos oficiais e, sobretudo, melhoram e elevam a autoestima desses estudantes. De acordo com o Parecer 11,

a função reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano (Brasil, 2000, p. 34).

Considerações Finais

Esta proposta de intervenção pedagógica foi pensada em relação à cidade de Brasília que, por sua distribuição territorial, cria distâncias refletidas não apenas na escala geográfica ou na dimensão bucólica, mas também em relação à origem e à renda. Por outro lado, entendo que poderia ser trabalhada em qualquer cidade do país, afinal, as desigualdades se apresentam em uma cidade jovem e moderna como a capital do país, mas também se notam em pequenas cidades e metrópoles como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em suma, o projeto interventivo “Brasília, minha cidade” se apresenta como uma iniciativa que tem como objetivo promover uma educação significativa e contextualizada para jovens e adultos, possibilitando uma maior integração entre a história, cultura e cidadania da capital brasileira. Por meio de atividades práticas e interdisciplinares, os participantes serão estimulados a conhecer e valorizar o patrimônio histórico e cultural de Brasília, bem como a refletir sobre questões sociais, econômicas, históricas, socioambientais e políticas.

Dessa forma, espera-se que o projeto contribua para a Educação de Jovens e Adultos e sirva para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes e participantes, reforçando que “consequentemente, a EJA tem de se caracterizar como uma política afirmativa de direitos coletivos sociais historicamente negados” (Arroyo, 2011, p. 29). O fato de se reconhecerem como estudantes já indica que também se veem como sujeitos de direito. A ideia é que os cidadãos que fazem a cidade a ocupem e dela extraíam a subsistência e também seus momentos de lazer.

Referências Bibliográficas

ARROYO, M. G. **Balanço da EJA**: o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares?. Revista de Educação de Jovens e Adultos, V.I, 2007.

ARRUDA, Patrícia Cabral de. **Brasília**: cidade planejada, identidade fluida. Salvador/BA: UFBA, IV ENECULT- Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer nº 011**. Brasília: MEC, 2000.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, M. (1987): **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel

CONHECENDO A HISTÓRIA DA MINHA CIDADE: UM OLHAR SOBRE O PONTO DE VISTA DA EJA

Irisneldo de Sousa Rabelo⁶

Introdução

A proposta pedagógica da escola, em sua dimensão pedagógica, busca associar a teoria à prática e procura sistematizar o trabalho da escola como um todo em sua finalidade primeira e em todas as atividades desenvolvidas tanto dentro quanto fora de sala, além de um trabalho voltado para a busca de interdisciplinaridade e de contextualização, desenvolvendo serviços de apoio à educação e à relação entre escola e comunidade.

Este projeto estimula o conhecimento amplo — a partir do viés da disciplina de História e Geografia — sobre a cidade, e potencializa várias oportunidades ao seu público-alvo, desde a possível ascensão social com um conhecimento mais aprofundado sobre o que a rodeia, a opções de lazer, o interesse pela leitura e escrita, além de ser um espaço que contribui para o desenvolvimento da percepção da escola como um local que auxilia o aluno a articular ações coletivas, no sentido de resolução de problemas. É um trabalho que viabiliza uma revisitação às lembranças, contribuindo para a consolidação da memória da cidade. Não há como tratar a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores sem uma compreensão da diversidade.

O projeto “Conhecendo a História da Minha Cidade” busca proporcionar aos alunos da III e IV Etapa da EJA da Escola Municipal João José Filho, na Cidade de Barras⁷ – PI, conhecer alguns pontos da cidade por outro ângulo, visando mostrar o que ela oferece de melhor e a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural.

6 Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Especialista em História e Cultura Afro – Brasileira e Africana pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Especialista em História do Brasil com Docência no Ensino Superior pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Professor Celetista da EJA do quadro temporário da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de Barras – Piauí.

7 Criada no ano de 1889, a cidade surgiu a partir da fazenda Buritizinho. No local havia uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, que se tornou sua padroeira. A localidade foi elevada à condição de vila e passou a se chamar Barras do Maratão, em alusão ao rio que recebe os visitantes na sua entrada e por estar situada entre barras de rios e riachos.

Justificativa

A necessidade da escolha desse tema foi a de estabelecer uma relação direta entre os conhecimentos transmitidos em sala de aula e a realidade dos fatos; assim, procuramos estabelecer uma relação entre o passado da cidade e o presente, desenvolvendo nos alunos da EJA uma forma diferenciada de leitura histórica e proporcionando que conheçam suas origens e a importância do local onde vivem.

Com o objetivo de proporcionar uma cultura de valorização, resgate e respeito pela cidade, procuramos mostrar a história da cidade e a importância dela para todos nós, como cidadãos. A decisão pela temática veio após a exposição de uma aula sobre a temática de bairro, cidade e espaço cultural; nessa ocasião, foi constatado que poucos alunos sabiam como surgiu a cidade onde residem, poucos conheciam o motivo pelo qual algumas ruas centrais recebem o nome de pessoas ilustres para a cidade, poucos conheciam a história dos primeiros habitantes e como a cidade foi se desenvolvendo ao longo do tempo.

Objetivo Geral

Proporcionar condições para que cada aluno possa aprofundar e/ou conhecer a história da cidade de Barras – PI, e ainda perceber avanços no desenvolvimento da cidade.

Objetivos Específicos

- » Apresentar a cidade de Barras para os alunos a partir da sua história e origens;
- » Contribuir para que os educandos possam perceber como pessoas responsáveis pela construção da história local;
- » Promover exposições dos trabalhos escritos produzidos pelos alunos e apresentar em um momento de culminância com os demais alunos.

Metodologia

Para o desenvolvimento do projeto, serão utilizados os seguintes recursos e estratégias:

- » Aulas expositivas;
- » Lápis, caneta e cartolina;
- » Impressora;
- » Celular;
- » Projetor de imagem;
- » Ônibus para o deslocamento;
- » Revistas e recorte de jornais;
- » Análise de fotos antigas;
- » Rodas de conversa; e
- » Produção de textos.

Desenvolvimento

O projeto será iniciado com uma roda de conversa em que será feito um diagnóstico com informações sobre o que cada aluno sabe da cidade; após a realização desta etapa, será transmitida a história da cidade de Barras, desde a formação, o desenvolvimento e as primeiras famílias a residir até os dias atuais.

Ao lançar mão de diferentes processos de investigação e de produção de conhecimentos, o aluno poderá compreender a realidade em que está inserido, uma realidade complexa, que não está compartimentada em disciplinas, mas que demanda conceitos e instrumentos oferecidos por elas. O trabalho garantirá que as memórias presentes no cotidiano dos alunos possam ser registradas, preservadas e compartilhadas.

O trabalho produzirá uma documentação preciosa e única, além de reunir informações e documentos dispersos em instituições, famílias, entre outros. Por isso, o material deve ser preservado e estar acessível para novas ações no contexto da escola e também para interessados externos à comunidade escolar. Organizar as imagens em álbuns que ficarão disponíveis na biblioteca, preservar a produção das diferentes turmas é, portanto, fundamental. A biblioteca poderá acolher o material organizado e, também, por meio da divulgação em portais da cidade, as informações coletadas poderão ser preservadas, garantindo o acesso aos registros e produtos. Esse acervo, organizado e ampliado pela escola ao longo dos anos, poderá se constituir em um espaço de memória da cidade que, ao iluminar e organizar os vestígios do passado, possibilitará à comunidade compreender o presente.

Com o conhecimento adquirido por meio de aulas expositivas, debates e vídeos sobre a cidade, será organizada uma viagem com todos os alunos da IV etapa pela cidade, a fim de conhecer pontos estratégicos, como a Igreja da Matriz, a Câmara Municipal, a Avenida Beira Rio, a Ilha dos Amores, a Secretaria Municipal de Educação, o Mercado Público, a ponte do Pesqueiro no Rio Marataoan e as margens do rio Longá. Em todos esses pontos, será explicada a história desses locais e a importância da preservação para a cultura local.

Haverá exibição do documentário “Conheça a Cidade De Barras — Pi”; serão colhidos depoimentos de pessoas que conhecem a história da cidade, como o Secretário Municipal de Educação, que é um grande entusiasta da história local. Cada aluno produzirá um pequeno texto falando sobre o que conhece da própria cidade; após a conclusão de todos os processos, será produzido um mural com todo o material coletado e um vídeo com fotos da viagem dos alunos aos principais pontos da cidade.

Recursos Didáticos Necessários

- » Lápis;
- » Papel;
- » Caneta esferográfica;
- » Cartolina;

- » Pínel;
- » Papel kraft;
- » Celular para captura de fotos; e
- » Impressora.

Desafios e Potencialidades

Por se tratar de um trabalho bastante complexo, o professor precisa analisar o envolvimento de cada aluno no desenvolvimento das atividades. Em se tratando de EJA, é possível que haja algumas desistências ao longo do processo, pois, para a plena realização do projeto, são necessárias 4 aulas em sala de aula e uma manhã inteira para visitar os pontos turísticos da cidade de Barras – PI. Poderão também surgir dificuldades quanto à presença de toda a turma, pois muitos alunos trabalham durante o dia e só comparecem no período da noite; ainda assim, é possível flexibilizar a duração da visita para que todos participem.

Considerações Finais

A EJA desempenha um papel vital na conexão entre educação, trabalho e sociedade. A sala de aula se torna um local onde os alunos podem aplicar seus conhecimentos na vida profissional e social. Essa articulação torna o aprendizado mais prático e relevante; com esse trabalho, pretendemos proporcionar uma leitura de mundo e uma melhora no conhecimento dos alunos acerca da cidade em que vivem; pretendemos também difundir o conhecimento acerca dos patrimônios históricos e culturais a fim de criar uma consciência histórica em cada aluno, valorizando a cidade em todos os seus aspectos.

Referências Bibliográficas

BARRAS (PI). Prefeitura. Disponível em: <https://www.barras.pi.gov.br/a-cidade/>. Acesso em: 08 set. 2024.

https://www.youtube.com/watch?v=fcOOfUWkL_k

TECENDO SABERES: PROMOVENDO A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Gisele de Oliveira Silva

Introdução

A cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, é marcada por uma diversidade cultural única, fruto da miscigenação e da convivência de diferentes etnias e culturas ao longo de sua história. No entanto, pode-se observar, com certo pesar, que essa riqueza cultural muitas vezes é obscurecida pela presença predominante do crime organizado, que impõe desafios e limitações à vida dos cidadãos, incluindo os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental I.

Diante desse cenário complexo e desafiador, torna-se fundamental abordar o tema da cultura e da diversidade na educação desses alunos, com idades que variam de 19 a 62 anos, a fim de promover a valorização das múltiplas identidades culturais presentes em nossa sociedade. A intervenção pedagógica proposta busca contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva e respeitosa, que reconheça e celebre as diferenças como um elemento enriquecedor do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Gadotti (1992, p. 23), “a diversidade cultural é a riqueza cultural da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua”.

Justificativa

A escolha desse tema se justifica pela necessidade de sensibilizar os alunos da EJA para a importância da diversidade cultural, estimulando a reflexão sobre suas próprias origens e tradições, bem como ampliando o conhecimento e o respeito pelas culturas diferentes das suas. Além disso, a abordagem da cultura e da diversidade pode contribuir para a formação de cidadãos mais críticos, tolerantes e conscientes de sua própria identidade e do mundo que os cerca.

Assim, a realização deste projeto de intervenção pedagógica se apresenta como uma oportunidade de promover a valorização da diversidade cultural, a construção de uma educação mais inclusiva e a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com sua comunidade. Ao reconhecer e respeitar as diferenças culturais, os alunos da EJA poderão se tornar agentes de transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural.

Objetivo Geral

Promover a valorização e celebração da diversidade cultural entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental I, na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva e respeitosa.

Objetivos específicos

- » Sensibilizar os alunos para a importância da diversidade cultural, estimulando a reflexão sobre suas próprias origens e tradições culturais;
- » Ampliar o conhecimento e o respeito pelas culturas diferentes das dos alunos, promovendo a tolerância e o diálogo intercultural;
- » Estimular o desenvolvimento de projetos pedagógicos e atividades práticas que integrem a diversidade cultural ao currículo escolar, promovendo a interdisciplinaridade e a valorização das múltiplas formas de expressão cultural.

Metodologia

A metodologia proposta para o plano de intervenção pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com foco na diversidade e na riqueza cultural, busca promover a valorização e o respeito às diferentes culturas, estimulando o diálogo e a reflexão entre os alunos do ensino fundamental.

Os encontros serão estruturados de forma a explorar a história das diferentes culturas, incentivando a criação de cartazes que representem aspectos relevantes de cada uma delas. A produção oral em grupo será uma ferramenta fundamental para que os alunos compartilhem suas vivências e conhecimentos, enriquecendo o debate e promovendo a interação entre os participantes.

A reinvenção de narrativas culturais por meio de ilustrações e a elaboração de murais colaborativos serão atividades que visam ressaltar a diversidade e a riqueza cultural presentes na sociedade. A recontagem de histórias e tradições por meio de encenações teatrais e a criação de artefatos culturais auxiliarão na compreensão e na valorização das diferentes manifestações culturais.

Ao final de cada atividade, será incentivado o compartilhamento das produções dos alunos, promovendo a valorização da diversidade e o respeito mútuo entre os estudantes. Dessa forma, a metodologia proposta busca promover uma reflexão crítica sobre a importância da diversidade e da riqueza cultural, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e tolerantes.

Desenvolvimento

No desenvolvimento do plano de intervenção pedagógica, serão realizadas atividades práticas e dinâmicas para que os alunos possam vivenciar, de forma concreta, a diversidade cultural. Serão propostas oficinas de contação de histórias, produção de textos e ilustrações, entre outras atividades que estimulem a criatividade e a expressão dos alunos.

Recursos Didáticos Necessários

Os recursos didáticos utilizados serão variados, incluindo livros, vídeos, músicas, materiais de artes visuais, murais colaborativos, entre outros. Serão utilizados também recursos tecnológicos, como computadores e tablets, para que os alunos possam pesquisar e explorar diferentes culturas de forma interativa.

Desafios e Potencialidades

Os desafios relacionados a garantir a participação de todos os alunos e a respeitar suas diferenças e particularidades são significativos, uma vez que cada indivíduo traz consigo experiências, perspectivas e repertórios culturais únicos. Torna-se fundamental criar um ambiente acolhedor e inclusivo, em que todos possam se sentir valorizados e respeitados, independentemente de suas origens, crenças ou características individuais.

Superar possíveis resistências dos alunos em relação à valorização da diversidade cultural também é um desafio, pois muitas vezes as pessoas tendem a se manter dentro de suas zonas de conforto e oferecem resistência frente a mudanças ou a novas formas de pensamento. No entanto, o que se pretende com esse plano de intervenção são mudanças que, mesmo sendo poucas, sejam impactantes.

Ao promover a diversidade cultural, os alunos têm a oportunidade de ampliar seus horizontes, enriquecer seu repertório cultural e desenvolver uma visão mais ampla e inclusiva da sociedade em que estão inseridos. A diversidade cultural é uma riqueza

que deve ser celebrada e valorizada, pois contribui para a construção de uma sociedade mais plural, tolerante e, acima de tudo, respeitosa.

Ao superar esses desafios e aproveitar as potencialidades desta abordagem pedagógica, os alunos serão incentivados a se tornarem cidadãos mais conscientes, críticos e engajados, capazes de contribuir positivamente para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e acolhedora para todos. A promoção da diversidade cultural é, portanto, um passo essencial na formação de indivíduos preparados para atuar de forma construtiva e empática em um mundo cada vez mais diverso e interconectado.

Considerações Finais

A promoção da empatia e da solidariedade no ambiente escolar é fundamental para a formação integral dos alunos. Por meio desse estímulo à empatia, os estudantes poderão desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo suas vivências, sentimentos, necessidades, o que contribui para a construção de relações que podem ser mais saudáveis e para a resolução pacífica de conflitos.

Além disso, a solidariedade é um fator essencial na promoção da cooperação e do apoio mútuo entre os alunos. Ao incentivar atitudes solidárias, como ajudar um colega em dificuldade ou colaborar em projetos da comunidade, os estudantes aprendem a importância de se preocupar com o bem-estar do próximo e de se engajar em ações que beneficiem a comunidade escolar.

Espera-se que os alunos assimilem valores como a empatia e a solidariedade e que respeitem as diferenças, valorizando a pluralidade cultural presente em nossa sociedade. Isso contribui para a construção de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, em que cada indivíduo seja respeitado em sua individualidade e diversidade.

Conclui-se que, diante do desenvolvimento dessas habilidades e valores que se pretende promover, os alunos estarão mais preparados para atuar de forma positiva e construtiva na sociedade. Eles serão agentes de transformação, capazes de promover a justiça, a igualdade e a solidariedade no convívio social, contribuindo para a construção de um mundo mais justo e igualitário para todos.

Referências Bibliográficas

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Acesso em: 17 de Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/aff9c5f3-cf25-4ac1-8cec-a8227f1bbaec/content>. Acesso em 17 de setembro de 2024.

INTEGRANDO SABERES E SABORES: O USO DE RECEITAS CULINÁRIAS NA PEDAGOGIA DE PROJETOS EM TURMAS DA EJA ENSINO FUNDAMENTAL I

Daniela Maria de Santana⁸

Introdução

A procura de jovens, adultos e idosos que não concluíram os estudos na idade própria por escolas é uma demanda e uma realidade no Brasil. Nesse contexto, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma política pública educacional que visa possibilitar a esses sujeitos o acesso à educação. De acordo com os dados divulgados pelo INEP, a partir do Censo Escolar de 2020, foram registrados na EJA cerca de 3 milhões de estudantes, considerando os ensinos fundamental e médio (Brasil, 2021). Esse dado evidencia a importância da oferta da EJA nos dias atuais ao possibilitar a garantia do acesso à educação para jovens, adultos e idosos que buscam retornar à escola.

Salienta-se que, para além de uma modalidade de ensino, a EJA é, sobretudo, um direito previsto em legislação, conforme dispõe a Constituição Federal de 1988, especificamente no artigo 208, que assegura a oferta gratuita aos sujeitos que não tiveram acesso na idade própria. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) apresenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto uma modalidade de ensino que contempla todos os níveis da educação básica (Ensino Fundamental e Médio). De acordo com o art. 37 da referida Lei, a EJA é voltada para àqueles que não tiveram acesso ou que não puderam dar continuidade aos estudos nos ensinos fundamental e médio na idade; além disso, conforme a LDB, a EJA se constituirá como instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

A EJA assume, assim, as funções reparadora, equalizadora e qualificadora (Brasil, 2000). Para que essas funções sejam efetivadas na EJA, faz-se necessário o uso de práticas educativas condizentes com sua proposta e voltadas para as especificidades de seus sujeitos.

⁸ Bacharel em Economia Doméstica/UFRPE, estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia/UNICAP e do Programa de Pós Graduação Profissional em Educação Profissional e Tecnológica/IFPB. Discente no curso de Formação Continuada para Atuação em Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional. Email: danielasantana.pedagogia@gmail.com

Por retornarem à escola na fase adulta, na juventude ou na fase de envelhecimento, os educandos da EJA possuem características diversas e trazem consigo experiências de vida, profissionais, vivências culturais e saberes construídos ao longo de suas trajetórias. Ao lidar com a realidade da sala de aula, o/a docente que atua na EJA encontra um perfil de sujeitos com especificidades diferentes daqueles da oferta “regular”. Na EJA, encontramos sujeitos que, por razões diversas, tiveram que interromper os estudos escolares no tempo “regular”. “Eles fazem parte de um grupo que, em algum momento de suas vidas, distanciou-se do contexto escolar em vista de sua inserção no trabalho, da evasão escolar, repetência ou outros fatores excludentes” (Moura e Silva, 2018, p. 7).

Os aspectos destacados acima apontam para a necessidade de desenvolvimento de propostas pedagógicas que considerem as especificidades dos sujeitos da EJA, de forma a integrar os conteúdos escolares com seus saberes, trajetórias e experiências, tornando o aprendizado significativo. Considerando também que a EJA se volta para um público que possui autonomia, com interesses e expectativas, é salutar promover o protagonismo dos sujeitos no processo de aprendizagem. Sendo assim, algumas metodologias mostram-se como importantes ferramentas na promoção de aprendizagens significativas e do protagonismo discente.

Diante desse contexto, uma das abordagens que podem ser desenvolvidas na EJA é pedagogia de projetos. A pedagogia de projetos deve permitir que o aluno aprenda fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação que o impulsionam a contextualizar conceitos já conhecidos e descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto (Prado, 2003, p. 7).

Sendo assim, optamos, nessa proposta de intervenção, por uma abordagem baseada na pedagogia de projetos, pois acreditamos que essa metodologia pode contribuir para a integração de conhecimentos, para a promoção da aprendizagem significativa e para a contextualização de saberes de forma interdisciplinar. Para tanto, partimos do gênero textual “receitas culinárias” com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa na área de linguagens, ciências sociais e humanas.

O desenvolvimento de uma educação crítica, emancipatória e significativa exige o rompimento com certas práticas pedagógicas. Paulo Freire já criticava o modelo bancário da educação, centrado no professor como fonte de conhecimento e nos alunos como meros receptores ou “bancos” que armazenavam as informações transmitidas. Apesar das críticas a esse modelo, ainda se observam no campo da educação formal experiências educativas centradas no professor e na fragmentação dos campos de conhecimento, evidenciando um desafio para a promoção da integração de saberes na EJA.

Além do desafio apontado acima, identificamos a necessidade de um currículo mais flexível, em que os/as professores possam construir estratégias pedagógicas a partir das realidades vivenciadas pelos/as educandos/as e da integração de conhecimentos. Destaca-se, porém, que a integração, para além do aspecto “curricular”, também pode apontar para a necessidade de uma integração de conhecimentos com as experiências e histórias de vida dos/as educandos/as. Pois, ao buscar integrar os conteúdos curriculares às experiências de vida e aos saberes prévios dos/as educandos/as, esses saberes serão construídos de forma mais contextualizada e holística e terão mais significado para os/as sujeitos/as da EJA.

Esses desafios apontam as razões para o desenvolvimento desse projeto de intervenção, que visa contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos educandos da EJA no processo de aprendizagem. Visa ainda sugerir possibilidades de desenvolvimento de ações integradoras que articulem os saberes e experiências dos educandos aos saberes escolares.

Justificativa

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade educacional que apresenta especificidades relacionadas aos seus sujeitos e ao contexto histórico-social que circunda essa política pública educacional. A EJA, em sua trajetória sócio-histórica no Brasil, é marcada pela descontinuidade e pela fragilização da política educacional para esse público. Apesar dos avanços nos últimos anos, essas marcas estão presentes ainda hoje, tais como a necessidade de investimentos, de infraestrutura, de materiais pedagógicos direcionados ao público da EJA e de iniciativas voltadas para a formação de docentes que atuam nessa modalidade educacional.

Esse contexto se reflete no currículo e na prática educacional no “chão” das escolas. Diante disso, uma lacuna é percebida: a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas que considerem as especificidades dos sujeitos da EJA. Isso porque uma vivência problemática no âmbito da EJA é a utilização de práticas e materiais pedagógicos infantilizados, usados na tentativa de transpor para os educandos da EJA o currículo, os materiais e as práticas voltadas para crianças e adolescentes.

Essas práticas invisibilizam os sujeitos da EJA ao desconsiderar suas especificidades, trajetórias e experiências. Como jovens, adultos e idosos, esses sujeitos carregam em si saberes construídos em suas trajetórias e experiências de vida, com expectativas diferentes daqueles estudantes do ensino regular. Muitos, com suas famílias constituídas, buscam ser referência para seus filhos e filhas, incentivando-os aos estudos, almejar um novo posto de trabalho, ingressar na universidade, realizar concurso público ou mesmo socializar.

Diante dos aspectos discutidos acima, percebe-se a necessidade de desenvolver processos educativos centrados nos sujeitos da EJA, de modo a considerar seus saberes, experiências e trajetórias de vida e de promover o protagonismo dos/as educandos/as. Nesse sentido, uma possibilidade pedagógica é o desenvolvimento de metodologias ativas, tais como a Aprendizagem Baseada em Problemas, a Pedagogia dos Projetos e o Arco de Maguerez. Propomos, então, neste projeto de intervenção, o desenvolvimento de uma prática pedagógica fundamentada metodologicamente na Pedagogia de Projetos a partir do trabalho com o gênero textual “receitas culinárias”.

Paulo Freire, em suas reflexões e experiências educativas, traz alguns elementos que contribuem para o pensar e fazer pedagógico na EJA. A experiência do educador em Anjicos — RN mostra a importância de conhecer os/as educandos/as e incorporar às práticas educativas elementos de suas trajetórias de vida e de seu cotidiano de forma a integrá-los aos saberes escolares. Sendo assim, optamos pelo gênero textual “receitas culinárias” por ser um elemento presente na cultura brasileira e nordestina e por acreditarmos na possibilidade de articulação com os diferentes campos do conhecimento.

Objetivo Geral

Contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos educandos da EJA em seu processo de aprendizagem por meio da pedagogia de projetos.

Objetivos específicos

- » Identificar experiências, saberes e a relação dos educandos com as receitas culinárias;
- » Reconhecer os aspectos socioculturais que perpassam o uso das receitas culinárias;
- » Identificar os elementos estruturais do gênero textual “receitas culinárias”.

Metodologia

A pedagogia de projetos deve permitir que o aluno aprenda fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação que o impulsionam a contextualizar conceitos já conhecidos e a descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto (Prado, 2003, p. 7). De acordo com Espíndola (2005), “o desenvolvimento do projeto deve iniciar com uma análise do contexto e interesse dos alunos, levando em consideração os conhecimentos pré-existentes sobre os assuntos que o educador deseja trabalhar”. Posteriormente, são apresentados alguns temas pelo professor ou pelos próprios alunos, faz-se a escolha da temática e, em seguida, a pesquisa e a busca de informações que respondam a alguma pergunta relacionada ao tema. Para isso, conforme Espíndola (2005), os discentes devem: a) selecionar as fontes e coletar as informações; b) definir critérios de ordenação e interpretação dessas informações; c) restabelecer periodicamente dúvidas e questões; d) representar, por meio de símbolos, o processo de elaboração, a análise e os resultados; e e) avaliar e conectar o que foi produzido com novas propostas de investigação e aplicabilidade.

De acordo com Filho (2016, p.7), “os projetos de trabalho são meios importantes de destacar a ação dos alunos, através de um professor que se comporta como “orientador de estudos”, não mais como repassador de informações muitas vezes desconexas e sem sentido”. Compreendemos, a partir das concepções dos autores citados acima, que a pedagogia de projetos propõe a participação ativa dos educandos no processo de pesquisa e no desenvolvimento dos trabalhos em grupo e de forma individual.

Desenvolvimento

Inicialmente, para conhecer as experiências dos/as educandos/as com o gênero textual “receita culinária”, propõe-se a realização de uma roda de diálogo a partir de algumas perguntas, tais como:

- » Na família de vocês tem alguma receita que foi passada de geração em geração?
- » Há alguma receita que não pode faltar em uma comemoração familiar ou comunitária?
- » Qual a experiência de vocês no desenvolvimento de receitas culinárias?
- » Vocês já tiveram contato com algum caderno de receitas?

Após o compartilhamento de experiências, é possível trazer a questão central:

Qual a importância das receitas culinárias para a sociedade e para nossas comunidades?

Diante dessa questão o/a docente pode solicitar aos educandos que tragam uma receita pessoal ou de sua família para o próximo encontro ou que entrevistem algum familiar ou alguém da comunidade que possa compartilhar uma receita “da família” ou tradicional.

Na pesquisa, os/as educandos/as podem conhecer quem transmitiu aquela receita, em quais momentos ela é produzida, quais são as memórias e emoções que a receita desperta ao ser produzida. Os/as educandos/as, então, podem socializar essa experiência com os demais colegas. O/a docente discute com os/as educandos/as a importância socio-histórica que as receitas culinárias carregam. Uma possibilidade é a apresentação do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTn-hNP2vhU>. É importante salientar que muitas receitas trazem aspectos de determinadas culturas e/ou de experiências socio-históricas de grupos sociais.

A outra etapa do projeto é incentivar os/as educandos/as a pesquisar a relação de determinadas receitas com a cultura e a história de um grupo, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, etc. A atividade pode ser feita em grupo, e os/as educandos/as podem escolher uma receita ou preparação dentre as apresentadas na etapa anterior. O/a docente pode indicar as fontes de pesquisa, disponibilizando materiais como áudios, vídeos, livros, textos ou outros que melhor se adaptem à realidade da turma e da escola. A partir da socialização dos/as educandos/as com essa atividade, o docente pode buscar articular os resultados da pesquisa com o processo de formação do povo brasileiro e com os elementos culturais.

Como etapa final do projeto, o/a docente, ao buscar articular esse gênero textual com a produção escrita e oral, pode apresentar a estrutura do gênero textual, como a lista de ingredientes, as unidades de medida utilizadas e o modo de preparo. Assim, como produto final, os/as educandos/as são incentivados a produzir uma exposição de receitas que aponte sua estrutura textual e os elementos culturais e históricos relacionados àquela produção.

Recursos Didáticos Necessários

- » Cartolina;
- » Pincel para quadro;
- » Papel;

- » Lápis e caneta;
- » Fita durex;
- » Datashow;
- » Notebook;
- » Caixinhas de som;
- » Acesso à internet.

Desafios e Potencialidades

Os desafios que podem ser enfrentados a partir da implementação deste projeto de intervenção dizem respeito a alguns fatores. O primeiro deles está relacionado à própria infraestrutura disponibilizada no contexto de cada escola, como a conexão com a internet para viabilizar as pesquisas dos educandos e os equipamentos como datashow e computador. Uma estratégia possível nesse contexto é a adaptação de materiais, opção que o docente pode adotar, como a apresentação de cartazes, o envio de vídeos para o grupo de WhatsApp da turma, se houver, etc.

Outro desafio que pode ser vivenciado é a dificuldade de escrita que alguns educandos podem apresentar. Nesse sentido, as atividades realizadas em pares ou grupos se apresentam como uma potencialidade, pois permitem reunir aqueles que se encontram em estágios mais avançado de escrita com outros que possuem mais dificuldade.

Considerações Finais

As receitas culinárias são um gênero textual com importância sócio-histórica ao preservar e contribuir para a transmissão da cultura e de práticas alimentares que carregam em si elementos da história e da cultura de um povo. Além disso, trata-se de um gênero presente no cotidiano de grande parte da sociedade brasileira, apresentando, assim, diversas possibilidades de integração dos conteúdos curriculares às experiências e vivências dos educandos com a alimentação. O gênero apresenta ainda a possibilidade de articular diferentes campos do conhecimento. Destacam-se o campo das linguagens e o das ciências humanas e sociais, mas outras é possível ampliar as experiências para o campo da matemática, por exemplo.

Espera-se, a partir desse projeto de intervenção, a promoção de aprendizagens significativas em que os educandos possam relacionar aspectos socio-históricos ao seu cotidiano e às suas próprias trajetórias de vida e compreender a função e a importância desse gênero textual. O projeto possibilitar ainda uma reflexão sobre o papel do docente como mediador e sobre o protagonismo do discente no processo de construção de aprendizagens.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020** : resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021

BRASIL, Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer CNE/CEB nº 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: maio de 2000.

ESPÍNDOLA, K. **A pedagogia de projetos como estratégia de ensino para alunos da educação de jovens e adultos**: em busca de uma aprendizagem significativa em Física. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005
FILHO, J.C.C. O uso da Pedagogia de Projetos como estratégia de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: contribuições para a qualificação profissional. **Revista Educitec**. N.3, 2016. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/download/51/32/259> Acesso em: 14/09/2014

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba-PR, 2006. Disponível em: https://virtual2.ifnmg.edu.br/pluginfile.php/581511/mod_resource/content/0/dce_eja.pdf Acesso: 13/09/2024

PRADO, M. **Pedagogia de Projetos**. Série “Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias” - Programa Salto para o Futuro, Setembro, 2003.

SILVA, L.S. MOURA, M.G.C. A Integração da Educação de Jovens e Adultos, da Educação Profissional e do Ensino Médio: Um Estudo com Egressos do Colégio Técnico de Bom Jesus/PI. **Revista EJA em Debate**. Ano 6, n.9, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2173> Acesso em: 13/09/2024

**SEÇÃO 2:
SABERES E
TRADIÇÕES
NA CULTURA
CAMPESSINA**

PROJETO “SE APROCHEGUE”

Fernanda De Souza Carvalho Negrão Pascoal

Introdução

O presente trabalho foi construído com base na prática da professora Mayele, professora de uma turma de EJA do Ensino Fundamental do turno noturno, na zona rural de Gendiba, situada no município de Presidente Tancredo Neves, Bahia. A turma possui 21 alunos e funciona em uma associação de agricultores, pois a escola fica distante e não há transporte à noite para levá-los. O título do projeto é “Aprocheque”, uma iniciativa que busca promover a interação entre os alunos, fortalecer laços e compartilhar conhecimentos. Por ser uma turma da zona rural, a professora direcionou o projeto para a realidade dos alunos: toda semana a turma visita a propriedade de um dos colegas para ajudá-lo no cultivo de determinada cultura; e essa cultura escolhida será o tema da aula da semana. Quando os alunos visitam a propriedade do colega, têm a possibilidade de partilhar conhecimentos práticos sobre a agricultura, dar dicas sobre o plantio e, quando retornam para a sala de aula, chegam com um rico material para ser estudado durante a semana.

Justificativa

Um dos principais desafios enfrentados por um professor da EJA é, talvez, o de desvincular-se de um modelo de ensino padronizado; é preciso levar em conta as especificidades desses sujeitos ao construir o projeto de ensino. A bagagem que este público traz consigo é de grande valia para contextualização dos conteúdos. Inserir o aluno da EJA no contexto do ensino como ator principal traz um sentimento de pertencimento e faz com que esse indivíduo se sinta motivado a permanecer. Para Linderman, a principal característica da aprendizagem de adultos está na experiência:

A fonte de maior valor na educação do adulto é a experiência do aprendiz [...]. A experiência é o livro vivo do aprendiz adulto [...] A educação do adulto terá experiências muito distintas das experiências das crianças e a autonomia do adulto em seu processo de aprendizagem, pois adquire contornos muito diferentes [...] (Lindeman apud Almeida, 2009).

A proposta do projeto, além de promover uma interação entre os alunos, promoverá uma aprendizagem repleta de significados, porque cada tema trabalhado na semana está correlacionado com o seu dia a dia.

Objetivo Geral

Organizar visitas a propriedades rurais onde os alunos possam compartilhar experiências sobre diferentes práticas agrícolas e técnicas de cultivo, trazendo o tema para a sala de aula e correlacionando com os conteúdos a serem trabalhados na semana.

Objetivos Específicos

- » Promover rodas de conversas e momentos de interação no grupo com o intuito de compartilhar conhecimentos sobre o tema trabalhado;
- » Promover o envolvimento dos alunos com a comunidade;
- » Ensinar os conteúdos das disciplinas correlacionando-os ao tema da semana.

Metodologia

- » Visitas semanais às propriedades rurais dos alunos;
- » Rodas de conversa para debater o tema trabalhado;
- » Produção de cartazes;
- » Produção e compartilhamento de receitas;
- » Aprofundamento de saberes sobre o tema (podem ser artigos pesquisados pelo professor).

Desenvolvimento

Uma vez por semana (preferencialmente às sexta-feiras), os alunos da turma se reúnem na propriedade de um dos colegas e passarão o dia cuidando do plantio (que varia conforme a cultura de cada região). Na semana seguinte, será feita, na sala de aula, uma roda de conversa para tratar do tema; cada um é convidado a falar. A professora contribuirá trazendo pesquisas sobre o assunto para enriquecer a conversa.

Durante toda a semana, as atividades das disciplinas serão trabalhadas tendo o tema da semana como elemento central:

- » Produção de um livro de receitas (a cada semana, uma receita é trabalhada e incluída no livro para ser apresentada ao final do projeto);
- » Técnicas de plantio envolvendo cálculos matemáticos;
- » Leitura de artigos pelo professor, apresentando novas tecnologias relacionadas à produção e à comercialização do tema;
- » Impactos ambientais;
- » A história de como aquele produto passou a ser cultivado no Brasil e região;
- » Melhor período durante o ano para plantar;
- » Produção de cartazes.

São inúmeras as possibilidades de contextualização. O mais importante é colocar os alunos no centro do processo, permitindo que tragam seus saberes.

Recursos Didáticos Necessários

Revistas, livros, papel cartaz, papel A4, cadernos, entre outros que se façam necessários.

Desafios e Potencialidades

Um dos desafios será engajar a participação de todos nos encontros nas propriedades. O trabalho prático e em grupo traz a possibilidade de integração do grupo e a promoção de uma aprendizagem significativa, levando em consideração que os temas trabalhados durante as aulas serão extraídos da vivência dos alunos.

Considerações Finais

A turma da Educação de Jovens e Adultos é composta por um grupo heterogêneo, plural e com objetivos distintos. Não há como pensar em um modelo homogêneo de ensino; é preciso pensar nos objetivos que levaram cada indivíduo ou grupo a voltar para a escola, levando em conta suas vivências e necessidades no momento do planejamento pedagógico, para que o processo de aprendizagens produza sentidos e significados. Segundo MOREIRA, 2010,

“[...] a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva”.

Ausubel estabeleceu as seguintes condições para a ocorrência da aprendizagem significativa: o material de aprendizagem deve ser potencialmente significativo; e o aprendiz deve ter predisposição para aprender. Partindo desse pressuposto, entendemos que as experiências de vida dos educandos da EJA são de grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem e que a motivação que os leva a retornar à escola, que é um grande potencializador desse processo.

Referências Bibliográficas

Estilos de Aprendizagem. Módulo 1 Andragogia. Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), 2015. Brasília, DF. Disponível em: [file:///C:/Users/fscar/OneDrive/Desktop/material%20EJA/ESTILOS_APRENDIZAGEM_MOD_1%20\(1\)%20EJA.pdf](file:///C:/Users/fscar/OneDrive/Desktop/material%20EJA/ESTILOS_APRENDIZAGEM_MOD_1%20(1)%20EJA.pdf). Acesso em 14 de setembro de 2024.

PELIZZARI, Adriana “et al”. Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

QUINTAIS DO MORRO DAS FLORES: IDENTIDADE, SABERES E SABEDORIAS!

Willems Ian de Jesus Soares⁹

Introdução

Ao mergulharmos na história dos povos que deram origem à nossa comunidade campesina, no distrito de Morro das Flores, município de Ruy Barbosa, na Bahia, percebemos que a utilização de plantas medicinais, ervas aromatizantes e condimentares era algo importante e necessário para os povos que viviam nessa região. Aliás, eram hábitos praticados por grupos indígenas da etnia Maricás, que viviam na região antes da colonização e, posteriormente, foram incorporados pelos negros Bantos escravizados, foragidos das grandes fazendas que constituíam a região do Piemonte da Chapada Diamantina, onde estamos localizados.

Nessa perspectiva, o saber popular forneceu e ainda fornece dados importantes para reflexão e que podem provocar insurgências acerca da identidade campesina em nossa localidade por meio de narrativas, trazendo ancestralidades, lembranças sensoriais dos cheiros, aromas e sabores de ingredientes produzidos a partir dos próprios quintais, os quais são compreendidos como um sistema de produção complementar a outras formas de uso da terra e se destacam pelo valor econômico que desempenham na localidade, constituindo fontes de riqueza natural e social.

Nesse cenário, na condição de docentes da Educação do Campo, apresento uma proposta pedagógica de intervenção interdisciplinar, a qual deverá ser desenvolvida nas etapas I, II e III, das turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal Raquel Falcão Lima (EMRFL), localizada no distrito citado acima, a partir da percepção dos quintais dos discentes e suas conjunturas, considerando que a pedagogia do campo não se limita aos ambientes escolares. Isto é, estende-se também aos espaços socioculturais, além dos muros da escola, explorando o local onde os discentes vivem, trazendo para a sala de aula as suas experiências e saberes e inquirindo possibilidades educativas que ultrapassam os limites do ensino tradicional.

⁹ Licenciado em História (FTC), em Sociologia (UNEB). Pós graduado em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis (UFBA), Ensino de Sociologia no Ensino Médio (UFBA), Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (FAT), Especialização em Formação de Professores em Letras Libras (UNEB), Mestre em Educação do Campo (UFRB). Atuou como Orientador do Pacto Pelo Ensino Médio e Coordenador no Ensino Fundamental na Escola Família Agrícola Tupinense, no município de Boa Vista do Tupim. Docente na Educação Básica, na área de Ciências Humanas em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Ensino Médio, em Escolas do Campo. Atualmente é vice-diretor em escolas do campo, no município de Ruy Barbosa, Ba

Justificativa

Os discentes que compõem as turmas da EJA na EMRFL estão na faixa etária de 45 a 65 anos e que complementam a renda com o auxílio de programas do Governo Federal. Muitos não enxergam seus quintais como local de experiência, vivência, afetividade e/ou possibilidades sustentáveis. Nessa perspectiva, de modo interdisciplinar, trazer essa discussão para a sala de aula, de forma dialógica, considerando as memórias afetivas — vivenciadas e experienciadas pelos discentes em seus próprios quintais — provocará a insurgência das identidades camponesas silenciadas na história local pelos discursos urbanocentristas plasmados na comunidade.

Por isso, é necessário provocar a troca de conhecimentos entre os discentes, permeados pelas suas vivências ancestrais, trazendo como pano de fundo a utilização das plantas medicinais, aromatizantes e condimentares existentes em seus quintais, na perspectiva relacional entre homem e natureza, história e realidade, presente e passado, tendo em vista que os processos sociais e naturais compreendem e dialogam com os saberes existentes na comunidade dentro do espaço escolar (Fernandes, 2021, p. 17).

Ademais, os quintais, além de trazerem as vivências dos discentes das turmas da EJA para o contexto escolar de maneira singular, os aproximam dos conteúdos abordados por meio de situações práticas, tornando o aprendizado mais relevante e aplicável à vida, uma vez que eles já lidam com essa realidade. Nessa conjuntura, Fernandes (2021, p.17) aponta que, quando “buscamos compreender e dialogar com os estudantes sobre as suas experiências anteriores com as plantas, para além da escola, começam a surgir novos protagonistas, territórios e horizontes, ligados ao aprendizado e à troca de conhecimentos”.

Objetivo Geral

Promover, junto aos discentes das turmas da EJA do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Raquel Falcão Lima, reflexões acerca de suas identidades camponesas e do protagonismo dos “saberes e sabedorias”, a partir dos próprios quintais produtivos de plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, leguminosas e medicinais.

Objetivos Específicos

- » Reconhecerem-se como sujeitos de uma identidade do povo camponês;
- » Compreenderem-se como protagonistas em seus contextos;
- » Resgatar a importância das plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, leguminosas e medicinais;
- » Valorizar os saberes populares locais.

Metodologia

Este projeto se centrará no dialogismo, partindo de debates e confrontos de muitas vozes sociais, entre as quais estarão docentes, discentes e comunidade escolar. De acordo com Fernandes (2021 p.40 apud Varcelli, 2018, p. 239), todos aprendem em comunhão, partilhando ideias e saberes, tendo o diálogo como mote”. As ações serão de cunho transdisciplinar, considerando um movimento para além das disciplinas. Até porque, “sugerindo uma situação de plasticidade, tende a superar as fronteiras e mesmo os espaços de transição ainda não consolidados entre os campos do saber” (HISSA, 2002, p.266).

Além disso, o projeto está ancorado em pesquisas bibliográficas, levantamento de dados, narrativas e em pesquisa-ação, por meio da qual o professor investigará e refletirá sobre a própria prática educativa. Neste âmbito, destacamos que a vivência é composta pela diversidade de experiências e saberes, com suas várias vozes e seus sujeitos, que são muitas vezes negligenciados como partes constituintes do processo educativo, não só dos evidenciados nos currículos formais.

Além disso, utilizaremos registros individuais, os quais ocorrerão a partir de anotações em cadernos de bordo, que acompanharão os discentes durante o período do projeto; neles, os discentes deverão realizar anotações, desenhos e colagem acerca das próprias práticas cotidianas na lida com os quintais, as quais serão relatadas, oralmente, durante as aulas. Também ocorrerão visitas guiadas a quintais de discentes previamente sorteados em sala de aula, buscando conhecer a história dos mesmos na relação com o local.

Da mesma forma, haverá degustação de receitas de chás, temperos, comidas (doces e salgadas), rezas, simpatias e banhos aromatizantes, os quais serão transformadas em livretos e cartilhas, bem como a preparação de mudas que serão distribuídas e a exposição dos registros fotográficos dos quintais, que serão apresentados em stand durante a Feira do Conhecimento, que faz parte do calendário escolar anual.

Desenvolvimento

O plano será realizado interdisciplinarmente, contemplando conhecimentos, habilidades e competências dos respectivos componentes listados abaixo:

Quadro De Atividades

COMPONENTES	ATIVIDADES SUGERIDAS
Língua Portuguesa Tempo sugerido: 06/aulas	» Orientações aos discentes acerca do uso dos “Cadernos de Bordo, e do acompanhamento na escrita e nas colagens durante a pesquisa; » Em conjunto com os discentes, realizar um levantamento de receitas de chás, doces e salgados a partir das plantas alimentícias, frutíferas e leguminosas dos próprios quintais, assim como de banhos aromatizados com ervas e temperos. Correção e impressão das receitas para compartilhamento com os colegas.
Referências para as aulas	https://www.cnabrasil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf https://www.receiteria.com.br/receitas-com-hortela/ https://www.tudogostoso.com.br/receita/117548-risoto-arruda.html https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/horta/aprenda-a-fazer-uma-horta-medicinal-em-casa/
História Tempo sugerido: 06 aulas	Propor discussões e seminários com os seguintes temas: » A importância dos quintais para a humanidade; » A importância dos quintais para a população local; » As plantas no sincretismo religioso; » Benzedoiras da comunidade: a importância das plantas medicinais; » O distanciamento e o silenciamento dos saberes populares e tradicionais na comunidade local.
Referências para as aulas	https://www.cnabrasil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2003/trabalhos/epg/6cienciassociaisaplicadas/EC6-50.pdf https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/horta/aprenda-a-fazer-uma-horta-medicinal-em-casa/
Ciências Tempo sugerido: 06 aulas	» Em conjunto com os discentes, identificar as plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, leguminosas e medicinais; » Conhecer as propriedades medicinais das plantas existentes (selecionar algumas); » Selecionar mudas de plantas para plantar e distribuir na comunidade.

COMPONENTES	ATIVIDADES SUGERIDAS
Referências para as aulas	https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf https://www.scielo.br/j/physis/a/kwsS5zBL84b5w9LrMrCjy5d/ https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/horta/aprenda-a-fazer-uma-horta-medicinal-em-casa/
Geografia Tempo sugerido: (06 aulas)	» Em conjunto com os discentes, elaborar maquetes de quintais selecionados pelo grupo.
Referências para as aulas	https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/horta/aprenda-a-fazer-uma-horta-medicinal-em-casa/ https://paraiba.pb.gov.br/noticias/quintais-produtivos-geram-alimentos-saudaveis-e-renda-para-agricultores-de-vieiropolis
Artes Tempo sugerido: (06 aulas)	» Em conjunto com os discentes, elaborar vasos reciclados para o plantio das mudas; Fotografar os quintais e organizar exposição fotográfica dos quintais;
Referências para as aulas	https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf https://www.youtube.com/watch?v=OD49B-JUAAA https://www.youtube.com/watch?v=HD9ueuBj8Z8
Matemática Tempo sugerido: (06 aulas)	» Em conjunto com os discentes, preparar a terra e o adubo para o plantio das mudas nos vasos (quantidades/medidas); » Plantio das mudas nos vasos.
Referências para as aulas	https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf
Religião Tempo sugerido: (02 aulas)	» Em conjunto com os discentes, organizar a culminância: roda de conversa com degustação e relatos de experiências.
Referências para as aulas	https://jornadaedu.com.br/praticas-pedagogicas/roda-de-conversa/

Recursos Necessários

INSUMOS	TECNOLÓGICOS
Papel duplex	Notebook
Ancinho	Wi-Fi
Mudas de plantas	Caixa de som
Folhas secas	Pen drive
Pá reta	Impressora
Papel cartão	Datashow
Sementes	
Trena	
Sacho	
Copos descartáveis	
Pá de jardinagem	
Papel sulfite	
Folhas para chás	
Pratos descartáveis	
Papel A4	
Garrafas PET 2L	
Lâmina metálica de cobre	
Balões	
Chapas finas de madeira	
Cola de contato para papel	
Cola para madeira e isopor	
Colher de muda	
Emborrachado	
Enxada	
Palito de churrasco	
Placas de isopor	
Tesoura de poda	
Adubo	
Tinta chalk	
Tinta de tecido	
Tinta guache	
Tinta PVA preta	
Regador	
Régua	

Desafios e Potencialidades

Na perspectiva dos desafios na execução deste plano de ação, destaca-se a motivação dos docentes, considerando que a maioria é oriunda da zona urbana e não se reconhece no contexto campestre. Em relação aos discentes, o engajamento na articulação entre os saberes populares locais, relacionados aos quintais, e as referências sobre processos de construção de conhecimento.

No que diz respeito às potencialidades, além de promover aos discentes reflexões acerca de suas identidades camponesas e do protagonismo dos “saberes e sabedorias”, a partir dos próprios quintais produtivos, o projeto trará reflexões relacionadas aos discursos de poder e ao silenciamento epistemológico de populações campestres e de seus saberes. Também contribuirá para a valorização da história local, das memórias da comunidade e da cultura popular brasileira. Ademais, ajustes podem ser feitos ao longo da execução do plano, adequando as ações ao necessário para alcançar os objetivos.

Considerações Finais

Em síntese, para os discentes que nasceram e vivem no contexto campestre, os quintais são símbolos de resistência, porque permitem a prática e o ensino de saberes tradicionais e populares. Ou seja, trata-se do lugar onde eles podem (re) encontrar a materialidade da vida, com as relações complexas de aprendizagem, a partir dos seus hábitos, agindo sobre o silenciamento de vozes presentes no interior da Escola do Campo.

É nesse sentido que, na condição de educador do campo, entendo que a Escola Municipal Raquel Falcão Lima deve buscar a lógica dos quintais dos discentes, na perspectiva de insurgências de identidades, não deixando de abrir outras possibilidades de contato entre os conhecimentos tradicionais e populares locais e os conhecimentos científicos. Além disso, mesmo que os quintais sejam um lugar de práticas de cuidado e troca de saberes, há contradições e preconceitos em torno das representações sociais e geográficas dos povos os cuidam.

Referências Bibliográficas

ALMADA, & SOUZA, M. O. Quintais como patrimônio biocultural. In: ALMADA, E.D.; SOUZA, M.O. (org.). Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: EdUEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017.

AMARAL, C.L, NETO, G.G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. [online]. 2008, vol.3, n.3, pp.329-341. ISSN 1981- 8122.disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222008000300004>. Acesso 08 de setembro 2024.

BEM, F. No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedoras do oeste de Santa Catarina. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: Velhos e Novos desafios. Disponível

https://anpuh.org.br/uploads/anaisimpovios/pdf/2019-/1548945025_59d995f102b4aa899b57a23240dcea72.pdf Acesso em 07 de setembro 2024.

CAVALIERI, Lúcia. Quintais camponeses: usos, gêneros e territorialidades. In: VI Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais, 2012, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade de Araraquara, 2012

COLLET, Z.; BERNARTT, M.L.; PIOVEZANA, L. Movimento de Mulheres Camponesas: os quintais produtivos como práticas pedagógicas. In: EDUCEREXII Congresso Nacional de Educação. Anais... Curitiba/PR: PUCPR, 2015, p. 11733-11747. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21217_10533.pdf. Acesso em 08 setembro 2024.

CUNHA, M. I. .CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010. Acesso em 09 setembro 2024.

CUNHA, M.C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Palestra realizada na Reunião da SBPC, Belém, Pará, em 12/07/2007. REVISTA USP, São Paulo, n 75, 2007,pp.76-84.

FERNANDES, João Henrique de Oliveira. O QUINTAL COMO ESPAÇO EDUCATIVO. Belo Horizonte – MG – Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG . 2021.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

INTEGRAÇÃO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS E TECNOLOGIAS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS E QUILOMBOLAS

Ruana Aretha Farias Santiago Beckman¹⁰

Introdução

A EJA foi instituída legalmente em 1996, como modalidade de ensino fundamental e médio, a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 (BRASIL, 1996). Essa modalidade é voltada para sujeitos que não puderam frequentar a escola na idade adequada e visa atender a necessidade de jovens e adultos que enfrentam o analfabetismo, o baixo nível de escolaridade e a defasagem educacional.

Os sujeitos que não alcançaram certo grau de escolaridade incluem povos camponeses, representados por pescadores, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta e pequenos agricultores (HAGE; BARROS, 2010). Freire (1996) aponta que, apesar do contexto social, o aluno deve utilizar o espaço da escola para transformar sua própria história, evidenciando o poder da educação.

A escola, mediante as diretrizes referentes à educação básica em ambientes rurais, deve adaptar os sistemas de ensino, levando em consideração as especificidades associadas à vida no campo e as particularidades da região. Como Brasil (2002) destaca para a educação básica no meio rural:

- » I - Conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- » II - Organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- » III - Adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 2002, p.116).

As políticas educacionais possibilitaram que a EJA esteja atrelada à realidade socioambiental do aluno, de modo que os alunos de área rural tenham acesso ao ensino de ciências agrárias, bem como capacitá-los para lidar com questões intrínsecas do cotidiano agrícola familiar e ribeirinho, aprimorando habilidades práticas e de compreensão sustentável.

¹⁰ Graduada em Engenharia Ambiental pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia; Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Pará e Doutora em Agroecologia pela Universidade Estadual do Maranhão. Email:ruanabeckman@hotmail.com

O estudo de ciências agrárias procura superar barreiras educacionais locais, aliado a uma versatilidade de metodologia de ensino que, por meio de um projeto de tecnologia social, proporcionará aos alunos a conciliação dos problemas socioambientais a partir de um olhar voltado para soluções. O plano foi desenvolvido com o objetivo de criar um ambiente de aprendizagem onde os alunos possam aplicar os conteúdos na realidade de suas comunidades, contribuindo para a melhoria das condições de vida e a preservação do meio ambiente. Com isso, espera-se que os estudantes se tornem agentes de transformação em suas localidades, utilizando conhecimentos científicos e tecnológicos acessíveis e pertinentes.

Justificativa

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma luta pela alfabetização e inclusão educacional, especialmente em contextos rurais, onde as particularidades da educação no campo estão intrinsecamente relacionadas aos sujeitos sociais. A realidade dos camponeses requer uma atenção especial à educação, pois sua realidade está diretamente relacionada ao cotidiano das atividades agrícolas.

Segundo a Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos (UNESCO, 2004, p. 42), a Educação de Adultos abrange todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, por meio do qual indivíduos considerados adultos pela sociedade desenvolvem suas habilidades, ampliam seu conhecimento e aperfeiçoam suas competências técnicas e profissionais, orientando-as para atender às suas próprias necessidades e às necessidades de sua comunidade. Esse conceito abarca tanto a educação formal quanto a não formal e a gama de aprendizagem informal e incidental disponível em uma sociedade multicultural, em que os estudos teóricos e práticos devem ser igualmente valorizados.

Essa ideia é respaldada pelo inciso VII do Artigo 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/1996 (BRASIL, 1996), que estipula que as particularidades dos trabalhadores matriculados em cursos noturnos devem ser levadas em consideração no contexto educacional. Assim, torna-se evidente a necessidade de destacar o Parecer CEB/CNE nº 11/2000 (BRASIL, 2000, p. 58): “Trata-se de uma formação voltada para estabelecer uma relação pedagógica com indivíduos, sejam eles trabalhadores ou não, que possuem experiências de vida marcantes e que não podem ser subestimadas”.

A formação dos jovens e adultos deve estar pautada pela integração da educação com a realidade socioambiental dos alunos. Em especial, a disciplina de ciências agrárias surge como um instrumento, capacitando os alunos para solucionar questões agrícolas de seu cotidiano, envolvendo a compreensão da sustentabilidade.

Nesse contexto, a inserção da tecnologia social no meio agrário da comunidade escolar da modalidade EJA torna-se um impulsionador para o desenvolvimento local e faz com que os alunos desenvolvam uma aprendizagem significativa em sala de aula que poderão para suas famílias, propagando tal conhecimento.

Objetivo Geral

Reconhecer a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como promotora de tecnologia social a partir do contexto agrário quilombola e campesino.

Objetivos Específicos

- » Identificar os elementos socioambientais que requerem o uso de tecnologia social;
- » Destacar a importância da tecnologia social na disciplina de ciências agrárias em âmbito quilombola e campesino;
- » Realizar a aplicação de uma tecnologia social na disciplina de ciências agrárias para educandos(as) da EJA.

Metodologia

O percurso metodológico deste plano pautou-se em uma abordagem de carácter mais qualitativo, a qual considera uma relação dinâmica entre o sujeito e o contexto no qual está inserido, Minayo (2002, p.21) enfatiza que “esse tipo de pesquisa trata dos vários significados, motivos, aspirações, crenças, valores e ações”.

Esses elementos são fundamentais para distinguir os sujeitos e auxilia na compreensão de sua realidade social, pois possibilitam analisar a interação entre o pesquisador e o sujeito-objeto. Por meio dessa abordagem, será viável compreender e explicar a dinâmica das relações sociais com o seu meio.

O percurso metodológico deste plano de intervenção pedagógica está centrado na valorização dos saberes locais e na aplicação prática dos conteúdos em projetos comunitários. As aulas serão organizadas em módulos temáticos que abordarão, por exemplo, técnicas de compostagem, manejo sustentável do solo, aproveitamento de recursos hídricos, dentre outros. É importante ressaltar que a escolha desses tópicos será guiada pelos educandos, de acordo com as necessidades das comunidades das quais fazem parte.

Com base nas necessidades identificadas pelos alunos, serão utilizadas metodologias ativas, como a problematização e a aprendizagem baseada em projetos (PBL), que estimularão os alunos a refletir sobre suas realidades e a propor soluções inovadoras. As tecnologias sociais, como sistemas agroflorestais e biofiltros, serão introduzidas de forma prática, permitindo que os alunos as compreendam e as adaptem à sua realidade. A participação comunitária será incentivada em todas as etapas do projeto, promovendo uma educação inclusiva e significativa. Além disso, pretende-se construir pelo menos uma tecnologia social a partir do principal problema identificado pelos alunos em suas comunidades.

Desenvolvimento

O plano de intervenção pedagógica será implementado por meio de aulas teóricas e práticas, organizadas em módulos temáticos que se alinham às necessidades locais, definidos a partir da participação da turma, que indicará quais tópicos seriam mais relevantes para sua comunidade, como, por exemplo: compostagem para a melhoria do solo; irrigação; e economia solidária. Os educandos farão suas escolhas de tecnologias sociais mediante as necessidades de suas comunidades.

A partir disso, a educadora atuará como mediadora e facilitadora, a fim de criar um ambiente de aprendizagem colaborativa, incentivando os(as) educandos(as) a identificar problemas em suas comunidades, bem como orientando a aplicação dos conteúdos discutidos nas aulas em suas próprias comunidades.

Vale ressaltar que a proposta ainda fará uso de metodologias ativas, como a problematização e a aprendizagem baseada em projetos (PBL), que estimularão a reflexão crítica dos alunos sobre questões socioambientais e os ajudarão a aplicar conhecimentos de forma prática.

Os(as) educandos(as) serão protagonistas em todo o processo de aprendizagem, desde a escolha das tecnologias sociais até a implementação, o que promoverá o engajamento na identificação dos desafios de suas comunidades, bem como a participação ativa na criação de soluções, com foco na utilização de tecnologias sociais sustentáveis.

Espera-se que os(as) educandos(as) colaborem entre si e com membros de suas comunidades, facilitando a construção de projetos coletivos que abordem, por exemplo, o uso de composteiras; esse conhecimento será trabalhado em sala de aula de forma gradual, buscando a compreensão do tema e o ensino de como fazê-las, de forma que os(as) educandos(as) repliquem em suas comunidades. Essa abordagem possibilitará que os(as) educandos(as) vejam o impacto real de suas ações e ampliem sua compreensão sobre a importância da educação comunitária.

Recursos Didáticos Necessários

- » Cartilhas informativas sobre compostagem, manejo do solo e aproveitamento de recursos hídricos;
- » Materiais para construção de tecnologias sociais, como sistemas de biofiltros;
- » Equipamentos audiovisuais para apresentação de vídeos didáticos e documentários sobre práticas sustentáveis;
- » Ferramentas e equipamentos para atividades práticas, como pás, sementes e insumos para projetos de compostagem e agroflorestais;
- » Materiais recicláveis e recursos naturais locais, utilizados para a implementação das tecnologias sociais sugeridas.

Desafios e Potencialidades

Os principais desafios esperados incluem a possível resistência inicial dos alunos à adoção de metodologias ativas e a dificuldade em conciliar o tempo dedicado à intervenção com as outras responsabilidades dos alunos, muitos dos quais têm obrigações familiares ou de trabalho. A falta de recursos materiais e o acesso limitado a tecnologias mais avançadas também podem ser barreiras, especialmente nas comunidades mais distantes.

Apesar disso, a intervenção possui grandes potencialidades pedagógicas: ao utilizar os conhecimentos e as necessidades locais como base, o plano promove uma educação contextualizada e significativa. Destaca-se, ainda, a abordagem participativa, que contribui para o empoderamento dos(as) educandos(as), os(as) quais se tornam protagonistas em suas comunidades.

A aplicação prática dos conteúdos possibilita a aprendizagem experiencial, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e técnicas que podem ser utilizadas na resolução de problemas ambientais e sociais.

Considerações Finais

A partir desta intervenção, espera-se que os alunos adquiram habilidades práticas e críticas que os permitam identificar e solucionar problemas reais em suas comunidades, promovendo a sustentabilidade e o desenvolvimento local.

Ao combinar tecnologias sociais com o conhecimento das ciências agrárias, será possível valorizar os saberes locais, integrando ciência e cultura para atender às necessidades específicas da comunidade. Isso, por sua vez, incentivará a participação ativa dos membros da comunidade, promovendo uma educação inclusiva e contextualizada.

O projeto contribuirá para a formação de cidadãos críticos e atuantes, capazes de propor soluções inovadoras e sustentáveis para os desafios sociais e ambientais de suas comunidades; o foco na aplicação prática do conhecimento permite que os alunos aprendam, experimentem e adaptem tecnologias sociais às suas realidades, reforçando o compromisso com o desenvolvimento sustentável.

Reforça-se que a utilização de tecnologias sociais e a aplicação de metodologias participativas, como a aprendizagem baseada em projetos (PBL), fortalecerão a autonomia dos educandos, permitindo que assumam um papel central em sua própria formação. Essa abordagem criará uma rede de aprendizado colaborativo e sustentável, que poderá ser replicada em outras comunidades, ampliando o impacto positivo da intervenção e promovendo um ciclo contínuo de inovação e educação transformadora.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11/2000, de 10 de maio de 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais curriculares nacionais para as escolas do campo. Brasília: MEC/SEF, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

HAGE, S.A.M.; BARROS, O. F. Currículo e educação do campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo constituição de 1946. Autêntica, 2010.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis Vozes, 2002.

UNESCO. MEC. Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos - V CONFINTEA. In: Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea - 1996-2004. Brasília: MEC, 2004.

RAÍZES DO CONHECIMENTO: UMA JORNADA COM PLANTAS MEDICINAIS

Cássia Hellen dos Santos Pereira

Introdução

O ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferece um espaço valioso para o resgate de saberes populares e a integração destes com conhecimentos acadêmicos, promovendo um aprendizado significativo (Cavaglier; Messeder, 2014). No Brasil, o uso de plantas medicinais está enraizado em uma rica história de práticas de cura e conhecimento popular (Da Rocha, et al., 2021). Para muitos estudantes da EJA, especialmente os que vivem em áreas rurais ou comunidades tradicionais, o conhecimento sobre plantas medicinais já faz parte de sua vivência cotidiana (Soares, et al., 2021). Este plano de intervenção pedagógica visa explorar a temática das plantas medicinais com estudantes do Ensino Médio da EJA, integrando o saber popular ao conhecimento científico.

A escolha do tema “plantas medicinais” aproxima a realidade dos estudantes ao conteúdo pedagógico, tornando o ensino mais dinâmico e significativo. A proposta estimula o pensamento crítico ao conectar conhecimentos tradicionais com descobertas científicas, promovendo discussões sobre saúde, sustentabilidade e ciência. Além disso, valoriza a diversidade cultural presente nas turmas da EJA, favorecendo a inclusão e o trabalho colaborativo.

O plano incentiva a autonomia dos alunos, tornando-os protagonistas do próprio aprendizado, e promove a interdisciplinaridade com áreas como Biologia, Química e História. Espera-se que, além do conhecimento adquirido, os alunos valorizem a cultura local e desenvolvam uma consciência sobre o uso sustentável de plantas medicinais, criando um ambiente inclusivo e colaborativo.

Embora muitos alunos da EJA já possuam conhecimento empírico sobre plantas medicinais, a falta de acesso a informações científicas sobre suas propriedades limita o uso consciente e seguro dessas plantas. Além disso, a distância entre o saber popular e o formal dificulta a conexão entre o conteúdo pedagógico e as vivências dos alunos, o que pode resultar em baixa motivação e baixo engajamento. A ausência de um ensino que dialogue diretamente com a realidade dos alunos também pode contribuir para a marginalização de saberes importantes, como o uso de plantas medicinais no cuidado com a saúde.

Justificativa

A escolha do tema se justifica pela necessidade de promover uma educação contextualizada e inclusiva na EJA. Os alunos desta modalidade, muitas vezes oriundos de contextos rurais ou periféricos, trazem consigo um vasto conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, saberes esses que, em muitos casos, não são valorizados na educação formal. Essa proposta visa integrar esses conhecimentos ao currículo escolar, possibilitando uma aprendizagem significativa e o fortalecimento da autoestima dos estudantes.

A realização desta intervenção é essencial para tornar o ensino mais inclusivo, pois valoriza o conhecimento prévio dos alunos, ao mesmo tempo em que promove a inclusão de todos no processo de construção do saber. Além disso, este tema proporciona um espaço para a discussão interdisciplinar e para o desenvolvimento de competências importantes, como pensamento crítico, habilidades de pesquisa e a conexão entre o conhecimento local e o científico. A intervenção também contribuirá para o desenvolvimento de práticas mais conscientes e sustentáveis no uso dos recursos naturais, alinhando-se aos princípios da educação ambiental.

Objetivo Geral

Promover a integração entre o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e o conhecimento científico, desenvolvendo nos estudantes da EJA habilidades críticas e reflexivas acerca do uso sustentável desses recursos naturais.

Objetivos Específicos

- » Identificar as plantas medicinais utilizadas pelas comunidades dos alunos, explorando suas propriedades e usos;
- » Estimular o trabalho em grupo e a pesquisa colaborativa, promovendo o compartilhamento de experiências e saberes;
- » Desenvolver atividades práticas de cultivo e uso de plantas medicinais, integrando teoria e prática;
- » Fomentar discussões sobre saúde, sustentabilidade e conservação das plantas medicinais, promovendo uma consciência ambiental crítica.

Metodologia

O processo de ensino-aprendizagem será centrado em metodologias ativas, nas quais os estudantes desempenham o papel de protagonistas na construção do conhecimento. Será priorizado o trabalho colaborativo, com a divisão da turma em grupos para realização de pesquisas sobre plantas medicinais da região. Serão utilizadas ferramentas tecnológicas, como aplicativos de identificação de plantas, e promovidas atividades práticas, como a criação de uma horta medicinal. As aulas expositivas iniciarão o plano de intervenção, introduzindo conceitos teóricos e científicos sobre as plantas medicinais. Os alunos, em seguida, irão desenvolver pesquisas em grupos

e, posteriormente, elaborarão relatórios detalhados sobre as plantas estudadas. A criação de uma horta medicinal será planejada e implementada pelos próprios alunos, culminando em apresentações e reflexões finais, em que os grupos compartilharão seus resultados e aprendizados.

Desenvolvimento

» Primeiro momento: Introdução ao Tema

O professor apresenta o conceito de plantas medicinais em uma aula expositiva, abordando usos práticos e impactos ambientais. Em seguida, realiza uma roda de conversa para que os alunos compartilhem suas experiências pessoais com plantas medicinais.

» Segundo momento: Pesquisa Colaborativa

Os alunos, divididos em grupos, escolhem uma planta medicinal da região para realizar uma pesquisa mais aprofundada, utilizando aplicativos e recursos on-line. O objetivo é preparar um relatório que integre conhecimentos científicos e populares.

» Terceiro momento: Elaboração do Relatório

Com o apoio do professor, os grupos organizam suas pesquisas em um relatório formal, descrevendo a planta, seus usos, benefícios e possíveis riscos, além de garantir a utilização de fontes confiáveis.

» Quarto momento: Planejamento da Horta Medicinal

Os alunos planejam a criação de uma horta medicinal, selecionando as plantas, o local e os materiais necessários, além de definir um cronograma para o plantio e manutenção, visando à inclusão da comunidade.

» Quinto momento: Implementação Prática

Os alunos iniciam a horta medicinal, plantando e cuidando das plantas. O professor incentiva reflexões sobre sustentabilidade e a preservação ambiental, destacando os benefícios das plantas medicinais.

» Sexto momento: Apresentação e Reflexão Final

Os grupos apresentarão os resultados das pesquisas e experiências com a horta. O professor conduzirá uma reflexão final sobre os aprendizados e desafios.

Recursos Didáticos Necessários

- » Sementes e mudas de plantas medicinais;
- » Espaço físico (canteiro ou vasos) para o cultivo das plantas;
- » Ferramentas de jardinagem (pás, regadores, adubos);
- » Computadores ou dispositivos móveis para pesquisa;
- » Projetor, cartolinas, canetas, e materiais para a apresentação dos seminários.

Desafios e Potencialidades

Entre os desafios, destacam-se a resistência de alguns alunos, que podem se sentir inseguros com o aprendizado prático e colaborativo, além da limitação de recursos e de espaço para a horta medicinal. A diversidade de níveis de conhecimento entre os alunos também exige que o professor faça adaptações constantes. Em contrapartida, a proposta apresenta potencialidades importantes, como a promoção de um ambiente de aprendizagem mais engajador, ao incentivar a autonomia e o trabalho em equipe. A conexão com a comunidade, por meio da horta, promove a inclusão social e valoriza o conhecimento local, além de promover a conscientização sobre sustentabilidade e o uso responsável de plantas medicinais. Essa combinação de teoria e prática facilita um aprendizado significativo e sua aplicação na vida cotidiana dos estudantes.

Considerações Finais

Com este plano de intervenção, espera-se que os estudantes da EJA estabeleçam uma conexão profunda entre seus saberes e o conhecimento científico, promovendo um aprendizado enriquecedor e relevante. Ao explorar as plantas medicinais, pretende-se não apenas compartilhar informações sobre suas propriedades e usos, mas também incentivar a reflexão sobre a importância da sustentabilidade e do respeito à biodiversidade. A prática da horta medicinal será um espaço de vivência que unirá teoria e prática, permitindo aos estudantes vivenciarem a responsabilidade e o cuidado com o meio ambiente. Além disso, ao fomentar o trabalho colaborativo, busca-se fortalecer a autonomia dos estudantes e a valorização de suas experiências e saberes. Por fim, espera-se que essa experiência desperte um interesse contínuo pela pesquisa e pelo aprendizado, criando um legado de conscientização e valorização das práticas sustentáveis em suas vidas.

Referências Bibliográficas

DA ROCHA, Luiz Paulo Bezerra et al. Uso de Plantas Medicinais: histórico e relevância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e44101018282-e44101018282, 2021.

DOS SANTOS CAVAGLIER, Maria Cristina; MESSEDER, Jorge Cardoso. Plantas medicinais no ensino de química e biologia: propostas interdisciplinares na educação de jovens e adultos. **Revista brasileira de pesquisa em educação em ciências**, v. 14, n. 1, p. 55-71, 2014.

SOARES, Nilva et al. Saberes Tradicionais sobre Plantas Medicinais e Tóxicas: um estudo de caso na educação de jovens e adultos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e5910615569-e5910615569, 2021.

ARTICULANDO SENSO COMUM E CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO ESTUDO DAS PLANTAS MEDICINAIS

Maria Fagundes Ribeiro Rodrigues

Introdução

O conhecimento sociológico apresenta-se, pelo menos, de duas formas. Uma delas é a concepção do dia a dia, da prática que os indivíduos compartilham de forma ampla e aplicam em casos concretos; já a outra trata-se de conhecimentos especializados, formais ou técnicos que são produtos da investigação sistemática e do pensamento dentro de uma área do conhecimento. Essas duas formas de conhecimento são conhecidas como senso comum e conhecimento científico, respectivamente (MCALLISTER, 2023).

Diversos autores consideram que a ciência é uma melhoria do senso comum. Eles afirmam que, enquanto os relatos vistos no senso comum tendem a ser vagos e inconsistentes, a ciência nos dá uma imagem que é precisa, bem alicerçada e sistemática. Além disso, os cientistas rapidamente substituem teorias em resposta à novas evidências, enquanto as concepções de mundo do senso comum evoluem de forma lenta (MCALLISTER, 2023).

Dessa maneira, articular senso comum e conhecimento científico é importante para favorecer a construção de conhecimentos e para formar estudantes mais críticos, capazes de compreender as etapas que fazem parte da transformação do conhecimento popular em saber acadêmico (SIQUEIRA, et al, 2021).

Pode-se definir planta medicinal como todo e qualquer vegetal que possui em uma ou mais de suas partes, substâncias químicas que tem a capacidade de serem usadas com finalidade terapêutica (VEIGA-JUNIOR; PINTO; MACIEL, 2005).

Nosso país possui um histórico longo quando se trata do uso dessas plantas, seja para prevenir ou tratar diversas doenças, herdado dos nossos colonizadores e dos povos originários do Brasil. Esse conhecimento é transmitido de geração em geração, atribuindo diversos usos para as plantas medicinais, oriundos do saber popular (HUMENHUK; LEITE; FRITSCH, 2020).

Contudo, as plantas medicinais não apresentam somente benefícios. Muitos acreditam que, por se tratarem de elementos naturalmente presentes no meio ambiente, elas causam efeitos apenas benéficos a quem as utiliza, o que não é verdade. Diversos riscos, alguns deles graves, estão associados ao uso irracional das plantas medicinais (VEIGA-JUNIOR; PINTO; MACIEL, 2005; SILVEIRA; BANDEIRA; ARRAIS, 2008).

Esta intervenção pedagógica busca resgatar o conhecimento dos estudantes sobre as plantas medicinais, colocando-os na condição de protagonistas, quais os usos que eles se dão no cotidiano, e compará-los com as informações científicas disponíveis sobre as mesmas, sempre se atentando para os riscos associados ao mau uso desses vegetais.

Justificativa

As plantas medicinais estão presentes no cotidiano de muitas pessoas em nosso país, principalmente quando voltamos nosso olhar para cidades menores, e para pessoas com mais idade, sendo estas últimas o público-alvo da Educação de Jovens e Adultos.

Um dos objetivos desta modalidade de ensino é fazer com que as habilidades dos estudantes sejam mostradas e aperfeiçoadas, o que passa pelo protagonismo dos mesmos em sala de aula. Portanto, fazer com que os mesmos tragam para o ambiente escolar o seu conhecimento sobre as plantas medicinais, sua visão dos usos que podem ser atribuídos a elas, de onde surgiu esse conhecimento e como esse conhecimento está sendo repassado para aqueles que estão no convívio dos estudantes é uma forma de exercitar esse protagonismo.

Além disso, é importante que os estudantes compreendam com bastante clareza não só os benefícios que o uso das plantas medicinais apresenta para o ser humano, mas também os riscos que podem estar associados ao seu uso, sendo uma oportunidade de consolidação de novos conhecimentos.

Como se sabe, a realidade de muitas escolas não permite a elaboração de projetos que demandam muitos recursos. Este projeto pode ser executado de forma simples, sendo facultado a quem o executar a possibilidade do uso real das plantas, ou somente de imagens das mesmas, favorecendo a educação democrática e inclusiva para as mais diversas realidades escolares e estudantis.

Objetivo Geral

Comparar o conhecimento apresentado pelos estudantes sobre as plantas medicinais com as descobertas científicas sobre o tema.

Objetivos Específicos

- » Explicar riscos e benefícios associados ao uso das plantas medicinais;
- » Entender o uso cotidiano dessas plantas pelos estudantes;
- » Compreender a importância da terapêutica vegetal para o sistema de saúde;
- » Estimular a troca de saberes entre os estudantes.

Metodologia

A metodologia empregada neste plano de intervenção pedagógica é focada no estudante como centro e alvo do conhecimento. Pode-se solicitar aos estudantes anteriormente que tragam para a sala de aula alguma(s) planta(s) medicinal(is) e expliquem para a classe qual é a planta, a sua finalidade terapêutica e de quem aprendeu aquela finalidade. Forma-se, então, um debate no qual os colegas participam, contribuindo com opiniões sobre o assunto levantado.

Fontes científicas serão utilizadas para confrontar os saberes oriundos dos alunos com o que a ciência descobriu sobre as plantas debatidas. É de essencial importância que os malefícios associados ao uso das plantas medicinais também sejam levantados pelo professor, ou pelos próprios alunos, em formato de pesquisa. Recursos digitais podem ser integrados em todo o processo para torná-lo mais lúdico e dinâmico. A culminância da intervenção pode se dar por meio do convite de um palestrante familiarizado na área para expor sobre o tema, integrando todo o conhecimento levantado e adquirido até então.

Desenvolvimento

Inicialmente o professor irá expor em aula a importância do senso comum, podendo até mesmo utilizar a aula que aborda a interface entre o senso comum e conhecimento científico para expor exemplos das plantas medicinais. Durante a aula introdutória, o professor discorrerá sobre as características do senso comum, tais como a informalidade, a passagem de geração para geração e a forte associação com credences populares. Depois, as características do conhecimento científico serão apresentadas para os alunos, podendo ser citadas a reprodutibilidade e rigor dos métodos, validação dos mesmos por meio de experimentação, rápida atualização por meio das novas descobertas científicas, sendo a comunicação dada por meio da divulgação em revistas e eventos especializados da área em estudo.

Em seguida, o docente inicia a exposição sobre o que é uma planta medicinal, conforme já exposto na introdução desta intervenção, perguntando para os alunos que eles citem exemplos de plantas medicinais conhecidas pelos mesmos e quais são os usos atribuídos por eles para tais plantas.

Depois de a turma estar bem familiarizada com o tema, passa-se à atribuição de papéis em um trabalho extraclasse. O professor pode atribuir uma planta medicinal para cada aluno (ou grupo de alunos) e pedir que ele relate por escrito os usos que ele aprendeu a respeito daquela planta, e de quem os aprendeu. Este relato pode dar-se de forma livre, ou o docente pode estruturar um estudo dirigido, com o objetivo de padronizar a forma como as respostas serão apresentadas pelos estudantes. Após o relato das experiências e dos conhecimentos dos estudantes sobre o tema, o professor pedirá que os alunos pesquisem em fontes confiáveis (este momento pode ser uma oportunidade para apresentar aos estudantes o que caracteriza uma fonte de confiança, e quais fontes são utilizadas por pesquisadores) informações sobre os usos, riscos e benefícios apresentados pela planta medicinal escolhida. Os resultados desta etapa podem ser documentados no estudo dirigido e apresentados pelos discentes para os colegas de turma na forma de um seminário. Durante as apresentações, é bastante desejável que os alunos tragam para a sala de aula partes das plantas pesquisadas para apresentar aos colegas, gerando uma interação positiva entre os envolvidos.

Ao final desta etapa de coleta de dados científicos, pode-se sumarizar os resultados encontrados, indicando quais são os usos, riscos e benefícios mais prevalentes entre a amostra de plantas medicinais apresentadas pelos alunos. Gráficos e tabelas serão muito bem-vindos nesta etapa do trabalho.

A culminância do trabalho pode ser dada com a apresentação de uma palestra para toda a escola por parte de um convidado qualificado no tema, caso as condições assim o permitam.

Recursos Didáticos Necessários

Para as aulas expositivas, pode-se utilizar quadro de giz ou quadro de pincel, com os alunos anotando em seus cadernos o conteúdo exposto.

Na parte de registro do conhecimento dos alunos sobre plantas medicinais, pode-se utilizar folhas A4 impressas com o roteiro de estudo dirigido, ou solicitar que esse registro se dê nos cadernos dos alunos.

Já para a parte prática, pode-se continuar os registros no mesmo estudo dirigido — impresso ou escrito —, ou optar pela criação de apresentações de slides; neste último caso, será necessário utilizar um computador e um projetor; ou ainda, criar cartazes com os achados dos alunos.

Para a culminância, faz-se uso de microfone, caixa de som, computador e projetor, caso seja feita a palestra com um especialista no tema.

Desafios e Potencialidades

Um dos principais desafios desta intervenção é a filtragem das fontes utilizadas pelos estudantes no momento de suas pesquisas, visto que diversas páginas da internet divulgam informações inverídicas ou atribuem curas milagrosas às plantas medicinais, e nem sempre é fácil encontrar informações de qualidade ou de fácil compreensão sobre o tema. Durante a pandemia de COVID-19, por exemplo, foram atribuídas a cura e/ou prevenção da doença causada por este vírus a diversas plantas medicinais, sem que nenhuma delas possuísse sólida comprovação científica (Oliveira, 2022).

Por outro lado, a intervenção descrita possui diversas potencialidades pedagógicas, como trazer o aluno para o centro do processo de ensino-aprendizagem quando ele é o responsável por sistematizar o conhecimento que possui e adicioná-lo a novos fatos científicos, confrontando-os. Diversos outros temas também podem ser trabalhados paralelamente a este, tais como o desmatamento, o papel dos povos tradicionais da disseminação do conhecimento, a preservação do meio ambiente. Tudo isso sem mencionar a interdisciplinaridade com diversos outros componentes curriculares, que podem fazer uso desta intervenção, adaptando-a ao seu componente curricular: Química, Geografia, Biologia, História são alguns exemplos.

Considerações Finais

Esta intervenção busca articular o conhecimento já presente no cotidiano dos alunos sobre plantas medicinais com o aquele produzido e testado pelos estudiosos. Busca desenvolver nos alunos um senso investigativo, integrativo e articulador, bem como fortalecer as habilidades sociais e de comunicação efetiva. O espírito de companheirismo e o senso de equipe também se fortalecem após a aplicação deste projeto de intervenção. É essencial que os estudantes compreendam que há diversos riscos associados ao uso das plantas medicinais e que eles podem até ameaçar a qualidade de vida das pessoas caso não sejam conhecidos e respeitados. Diversas oportunidades de diálogo com outros componentes curriculares também podem ser exploradas durante a execução deste projeto. O conhecimento aqui adquirido pode ser grandemente enriquecido por meio de uma palestra com um especialista sobre o tema, caso possível. Os resultados alcançados podem variar, pois dependerão de quanto o aluno está disposto a se dedicar para realizar o que lhe é pedido, bem como das suas dificuldades individuais.

Referências Bibliográficas

- MCALLISTER, J. W. Common sense and the difference between natural and human sciences. *Inquiry*, p. 1–26, 2023.
- SIQUEIRA, L. F. D. et al. Sabedoria popular, senso comum e ciência: articulando saberes através das plantas medicinais na educação de jovens e adultos. *Scientia Naturalis*, v. 3, n. 2, 2021.
- VEIGA-JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura? *Química Nova*, v. 28, n. 3, p. 519–528, 2005.
- HUMENHUK, T.; LEITE, D. R. B.; FRITSCH, M. Conhecimento popular sobre plantas medicinais utilizadas no município de Mafra, SC, Brasil. *Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar*, v. 9, p. 27–42, 2020.
- SILVEIRA, P. F. D.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 18, n. 4, p. 618–626, 2008.
- OLIVEIRA, A. S. D. et al. Pandemia de “fake news” sobre plantas medicinais no combate à COVID 19. *Interagir: pensando a extensão*, n. 32, p. 51–62, 2022.

**SEÇÃO 3:
SABERES E
IDENTIDADE
NA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA**

RELAÇÕES RACIAIS: RAÇA E IDENTIDADE NA ESCOLA

Betel Pereira de Castro¹¹

Introdução

A discussão sobre a questão racial no Brasil é antiga, complexa e tensa, uma vez que teorias e ideologias racistas foram construídas e disseminadas na sociedade brasileira. Contudo, esse debate faz-se necessário no cenário da Educação Básica, tendo em vista que o processo pode redimensionar o olhar para a história do negro e da questão do racismo no ambiente educacional e nos demais espaços sociais.

Dessa forma, é essencial entender a construção da questão racial por meio de conceitos como raça e identidade na educação para as relações raciais, pois, a partir dessa compreensão, poder-se-á promover uma nova visão em relação à história, cultura e modos de vida da população negra. Nessa perspectiva, ressalta-se a relevância da implementação da Lei 10.639/2003¹², que institui a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica, e nesse sentido, resgata “historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira” (Brasil, 2004, p.8).

Problema

Parte-se do pressuposto de que a questão racial ainda não é muito abordada na Educação Básica brasileira e que a história e contribuição do negro não são tão valorizadas, bem como a necessidade de se combater atos preconceituosos e práticas discriminatórias no chão da escola.

11 Mestre em Educação, Especialista em Política Educacional e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

12 Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”.

Justificativa

A escolha da temática em questão deu-se pelo fato de considerar a escola um contexto que expressa a diversidade de raças, culturas, costumes, valores e formas de ver o mundo. Nessa direção, reconhece-se que, mesmo com essa diversidade no ambiente educacional, por vezes, os sujeitos (sejam crianças, adolescentes e/ou adultos), acabam por cometer atitudes preconceituosas e discriminatórias. Considera-se, nesse sentido, que essa problemática advém da reprodução de atitudes de indivíduos que fazem parte do convívio familiar, dentre outros espaços.

Diante disso, é preciso a (re)construção de outro olhar sob a perspectiva da tolerância, sim, mas principalmente do respeito às diferenças na convivência com a diversidade, bem como do combate a todas as formas de discriminação. Assim, faz-se urgente desconstruir a ideia da existência de uma única cultura, abordando e valorizando as diversas tradições, manifestações culturais, histórias, belezas e modos de vida existentes na sociedade brasileira.

Pensar a educação para as relações raciais na Educação Básica e, nesse caso, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), é certamente propiciar aos educandos a busca pela identificação de outras manifestações culturais, como, por exemplo, a negra, e não somente considerar a cultura branca europeia como única e relevante, uma vez que a abordagem da questão racial em sala de aula pode evidenciar os possíveis indicadores de mudança para uma educação antirracista de fato. Assim sendo, é importante trazer para o ambiente escolar, ações que possibilitem os educandos conhecer as diversas histórias e culturas existentes e, a partir disso, se identificarem e terem orgulho da sua própria história e identidade.

Objetivo Geral

Promover e desenvolver ações voltadas ao estudo da educação para as relações raciais, buscando a valorização do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana e o combate a práticas discriminatórias na escola e fora dela.

Objetivos Específicos

- » Apresentar a temática étnico-racial de forma conceitual, abordando raça e identidade e a história de modo geral, bem como a importância da participação africana na cultura brasileira;
- » Fortalecer a imagem do povo negro e sua cultura no Brasil;
- » Provocar rupturas de atitudes discriminatórias e de preconceitos que permeiam a Educação de Jovens e Adultos;
- » (Re)significar os saberes e conhecimentos sobre a questão racial, promovendo novos olhares para a história do negro, permitindo que os alunos valorizem suas identidades.

Metodologia

A metodologia utilizada neste projeto consistirá em trazer as discussões sobre a questão étnico-racial à sala de aula, de modo prático e em um movimento dinâmico sobre os elementos que desembocam no aspecto da raça e identidade, racismo, preconceitos, valorização das manifestações culturais, história etc., através de recursos como debates, análise de textos diversos, atividades interativas, filmes e/ou documentários, oficinas e projetos em grupo, para que, desse modo, os alunos possam (re)conhecer e valorizar suas identidades e grupos étnicos pertencentes que pertencem.

Trabalhar a questão da raça e da identidade é necessário, considerando que “[...] [alguns sujeitos negros] apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem” (Cavalleiro, 2006, p. 10). É nessa direção, que a Educação para as Relações Étnico-Raciais contribui para a (re)significação histórica, social, política, e cultural, reconstruindo identidades subalternizadas, e produzindo conhecimentos e reflexões que ampliam a visão sobre os processos que formaram o pensamento racial brasileiro. Desse modo, priorizamos estratégias que envolvam os estudantes de maneira ativa e dinâmica, provocando a reflexão crítica e a produção autônoma de conhecimento.

Fundamentação Teórica

As discussões sobre a questão étnico-racial no Brasil têm avançado, mas de forma lenta e gradual. Considera-se que esse processo se dá pelo fato de o mito da democracia racial ter sido disseminado na sociedade brasileira. Tal teoria, dentre outras, buscava/busca subverter direitos, culturas, linguagens e modos de vida de um povo que foi retirado de seu lugar de origem, para a servidão em um país desconhecido, chamado Brasil. Desse modo, é mister que o debate sobre a educação para as relações raciais seja inserido no currículo escolar, mas, principalmente, que faça parte cotidianamente do processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista a desconstrução da imagem negativa do negro, desenhada para a sociedade há séculos, vislumbrando outro olhar para sua história e sua contribuição cultural, econômica, política etc. na sociedade brasileira.

Construir uma escola mais inclusiva no bojo das determinações legais, como, por exemplo, a Lei Federal 10.639/2003 e dos movimentos de superação do racismo, é imprescindível na valorização e autoafirmação da identidade negra, pois institui que o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira seja obrigatório nas instituições escolares, pois, há muito, “a supressão da história positiva do negro dos currículos da educação formal contribui para a manutenção de uma suposta superioridade eurocêntrica [...]” (Castro, 2023, p. 17). Para Silva (2021, p. 23), esse processo indica a necessidade de “[...] desfazer os equívocos que, tradicionalmente, têm-se alastrado no ambiente escolar, acerca da história e da cultura brasileira, em especial no que compete ao legado cultural africano”. Todavia, é preciso pensar a educação para as relações étnico-raciais como fator relevante na desconstrução de ideologias que subverteram a cultura e a identidade negra, tendo em vista que esse é um passo

importante no processo de superação da discriminação racial e do racismo, uma vez que esse movimento pode redimensionar olhares, pensamentos e práticas.

Assim, tratar a questão da raça e identidade na educação básica, especificamente no Ensino Fundamental II é, pois, ir de encontro aos processos que buscam perpetuar os elementos que mantêm práticas discriminatórias nas escolas. Contrariamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER) são políticas de ações afirmativas que buscam sanar as lacunas do estudo da questão racial, evidenciando a cultura e história africana e afro-brasileira no chão da escola.

Para tal, é preciso que a educação formal repense a importância de tratar a questão racial nos espaços escolares da educação básica. É necessário, também, que os professores estejam preparados para lidar com “as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais [...]” (Brasil, 2004, p. 11). Nessa perspectiva, enfatizar a questão da raça é considerar o aspecto da racialização, cuja premissa é a subalternização dos povos de características hereditárias consideradas inferiores, com base nas ciências biológicas e outras ideologias que reivindicavam de alguma forma, a supremacia da raça branca (Guimarães, 2016). Nessa direção, “o conceito de raça, sob o viés sociológico, pautado nas diferenças genéticas, foi inculcado no imaginário social tendo como objetivo outro, a perpetuação da dominação e exclusão dos povos considerados inferiores” (Castro, 2023, p. 29).

Já sobre a *identidade*, Silva (2000) define como sendo uma criação social e cultural, cujo processo desemboca no jogo de superioridade versus inferioridade, baseado na questão da identidade e da diferença, pondo em desvantagens as identidades negras, haja vista que as ideologias tendem a marginalizar essas populações por meio de práticas discriminatórias, como o racismo e seus correlatos.

Observa-se que a questão da educação para as relações étnico-raciais vai muito além de definir o que é raça e identidade; esse processo de trazer à baila a questão racial e os elementos que inferiorizam as identidades negras, tem a intenção de buscar quebrar um padrão hegemônico que subsiste desde o início do sistema de educação do Brasil, cujos currículos não alcançaram as crianças e os jovens negros e, ainda, invisibilizam a cultura negra nos livros didáticos, nos debates sobre educação, bem como nos cursos de formação inicial de professores.

Desenvolver o projeto “Educação para as Relações Raciais: raça e identidade na escola” no Ensino Fundamental II (EJA) não se trata apenas de quebrar barreiras e minimizar práticas discriminatórias. Abordar essa temática nesse campo é buscar apresentar o negro e suas culturas como sujeito detentor de capacidades tanto quanto os demais, é, ainda, valorizar sua identidade, tendo em conta que o espaço escolar é um aliado da educação para o reconhecimento e valorização das diferentes culturas e etnias que compõem a nossa nação.

Assim sendo, por meio do referido projeto, serão abordadas questões sobre raça e seus desdobramentos na sociedade brasileira, além de aspectos pertinentes à construção da identidade negra nos educandos: a) conceitos sobre raça e identidade, e os elementos que desencadearam práticas discriminatórias no Brasil; b) a autoestima dos alunos em relação aos seus traços fenotípicos e suas origens, oficinas de confecção de acessórios africanos (como, por exemplo, o turbante), danças, leituras, desfile de beleza; c) a (re)construção da história da população negra, através do teatro e/ou da oficina de confecção de máscaras africanas, bem como a questão da escravidão sob outras perspectivas, evidenciando a riqueza cultural que por vezes foi apagada da história; e d) demonstrar, através do artesanato e da confecção de produtos criados pelas comunidades quilombolas, o legado histórico e cultural do povo africano, finalizando com brincadeiras e músicas de origem africanas e afro-brasileiras.

Abordar a questão da raça no chão da escola é relevante por se tratar de um tema que ainda gera muitas dúvidas e polêmicas nos debates e discussões no Brasil, visto que muitos brasileiros têm uma visão um tanto equivocada sobre o assunto, principalmente, quando se trata de discutir sobre a existência do racismo no âmbito social brasileiro, e, para que o educando tenha clareza sobre o assunto, é preciso apresentá-lo sob diversas perspectivas e não apenas de um único ponto de vista.

Sabe-se que a convivência escolar é marcada por diferenças tanto sociais quanto culturais, que influenciam o comportamento dos sujeitos; o não reconhecimento dessas diferenças constitui um entrave para a construção positiva da identidade afro-brasileira do aluno. Essa questão, isto é, o aspecto identitário, precisa ser trabalhado através da autoestima das crianças em relação aos seus traços fenotípicos e suas origens, sejam por meio de teatro, danças, oficinas etc. O essencial, nesse caso, é que haja uma reconstrução da identidade negra, no sentido de rever os conceitos, as atitudes, as características negativas atribuídas aos grupos étnico-raciais, e valorizar as diferenças, como forma de eliminar estigmas, e “a escola pode ser um importante mecanismo de mudança nesse cenário posto [...]” (Corenza, 2018, p. 67).

Cavalleiro (2006, p. 19) analisa que a “identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo”, e essa é a oportunidade adequada para se trabalhar essa questão identitária, uma vez que é na escola, um dos primeiros espaços de vivência, que as tensões sócio-raciais se estabelecem nas relações entre alunos brancos e negros. Desse modo, na escola, a mudança poderá ocorrer de forma consistente, considerando a articulação entre educação e identidade afro-brasileira, cujo processo, reeduca o olhar pedagógico sobre o negro, de modo a torná-lo protagonista de sua história, e não apenas mero espectador.

Trabalhar a questão do resgate do legado histórico africano e afro-brasileiro através do teatro, de oficinas e de confecções de produtos africanos é fundamental, visto que, em muitos espaços sociais, pouco se vê a presença negra representada. Não vemos muitos negros(as) no cinema, na televisão, nos jornais e/ou nos livros didáticos da escola brasileira, exceto como serviçais, no intuito de inferiorizar e subalternizar essas identidades.

Sobre isso, Gomes (2001, p. 94) questiona o seguinte: “a escola não poderia lançar um olhar sobre a beleza estética negra, das artes, da religião, da música e a estreita relação entre a tradição africana e o cuidado com a natureza e com o meio ambiente?”.

É preciso, então, abrir caminhos e espaços no sentido de valorização da população negra e suas identidades no contexto escolar da EJA por meio da cultura, do aspecto físico, da oralidade, da música, dos costumes estudados de forma positiva nos livros didáticos, assim como das práticas pedagógicas, para que haja um avanço na desconstrução da imagem negativa desses grupos.

Assim sendo, o referido projeto será desenvolvido no período de 8 (oito) semanas,² (dois) meses, e poderá ser trabalhado nas disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, História e Educação Física. O projeto pode ser adaptado para ser trabalhado por mais tempo nas escolas.

Etapas de Aplicação do Projeto

O desenvolvimento das ações do projeto dar-se-á através da metodologia participativa, ou seja, a participação contará não somente com a presença dos alunos, mas com a dos pais, dos professores e dos demais atores educacionais, no intuito de problematizar atitudes, olhares, práticas referentes aos conhecimentos e saberes sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, em relação à questão do racismo na escola, e à invisibilidade dos negros no currículo escolar e à imagem negativa do negro nos livros didáticos, assim como nas relações do cotidiano.

Dessa forma, com o desenvolvimento deste projeto, buscar-se-á entender como a questão racial foi construída e disseminada no Brasil, apresentando novos olhares, isto é, novas perspectivas da história e da contribuição cultural do povo negro, por meio de demonstrações positivas das manifestações culturais do referido povo, através do teatro, das oficinas, das leituras, das danças e das brincadeiras etc. Assim, as ações serão desenvolvidas de acordo com o calendário escolar, podendo ser escolhido um dia da semana para a realização das seguintes ações:

Primeira semana: início do projeto

O início das ações se dará com a apresentação do projeto para toda comunidade escolar, ou seja, o primeiro dia contará com a presença dos alunos, pais, professores, gestores e demais atores educacionais previamente convidados. Esse primeiro momento servirá para que todos possam conhecer os objetivos do projeto, e também para que interajam entre si, por meio de apresentações de danças, músicas e peças teatrais com demonstrações da cultura africana. Na oportunidade, os pais serão convidados a participarem das apresentações juntamente com seus filhos, não somente como forma de conhecer, mas também de interagir um pouco com a cultura africana e afro-brasileira.

Segunda semana: raça e identidade

O(a) professor(a) abordará sobre os conceitos de raça e *identidade* com o objetivo de os alunos conhecerem e saberem diferenciar cada termo, além de identificar os elementos, cujos processos deram embasamento a teorias e ideologias raciais na sociedade brasileira. Esse momento se dará de forma lúdica e dinâmica utilizando-se dos mais diversos recursos tecnológicos ou não, para que a aula se torne atrativa e interessante, aos educandos, como por exemplo, através da apresentação de um documentário, filme, ou uma peça teatral. Em seguida, o professor tratará a questão da identidade e fará sugestões para que os alunos tragam para apresentar na aula seguinte, um pequeno texto sobre o que entenderam sobre raça e identidade, o texto poderá ser apresentado em grupo ou individual, os estudantes poderão usar a criatividade na hora da apresentação.

Terceira semana: trabalhando a autoestima dos alunos

Nessa ocasião, serão trabalhadas questões de identidade e respeito às diferenças através de oficinas na construção de turbantes africanos, onde os professores farão demonstrações e explicação dos significados e a importância dos turbantes para a cultura africana. Farão também, apresentação de imagens de pessoas de diferentes raças e etnias, e nesse momento poderão exaltar personalidades negras, como por exemplo, atores de filmes de sucesso, apresentadores, esportistas, modelos, autores de livros, políticos etc., para que assim, os alunos possam enxergar que pessoas negras também são importantes, inteligentes, belos, e conseguem ascender socialmente.

Os alunos serão incentivados a desfilarem e a experimentar penteados e acessórios da cultura negra, como forma de despertar neles o interesse pela cultura africana, e possivelmente buscar mais informações e conhecimentos sobre a temática, visando, assim, a valorização da referida cultura. Os professores e demais adultos que estiverem presentes poderão auxiliá-los nesse processo. E, por fim, encerra-se a aula com apresentações de danças africanas e afro-brasileiras, típicas da localidade em questão. Os alunos poderão se vestir e usar acessórios conforme a tradição africana na hora da apresentação.

Quarta semana: (re)construção da história da população negra

Na ocasião será contada a história do povo negro através de teatro de bonecos. Na encenação a história será contada em todos os seus aspectos, sejam eles negativos e/ou positivos, mas principalmente serão evidenciados de maneira mais contundente os elementos positivos historicamente construídos como forma de enaltecer a história da população negra, tendo, ainda, como objetivo, destacar “o protagonismo [desta] na cena, tendo em vista, a ação afirmativa da identidade negra que esse protagonismo provoca” (Oliveira, 2019, p. 5, grifo nosso). Nesse aspecto, o negro poderá ser visto sob uma nova ótica. Poderá ter sua história descrita, não como população escrava e inferior, mas como um povo de luta, de inconformismo com as desigualdades raciais, e que também possui características positivas.

Quinta semana: oficina de confecção de máscaras africanas

Será realizada, nesta semana, uma oficina de confecção de máscaras africanas, vislumbrando a reflexão sobre a identidade cultural e suas influências no Brasil, bem como o resgate da cultura afro-brasileira, além de tentar compreender a arte do povo africano e como ele se expressa em relação às lutas históricas e cotidianas, as emoções os sonhos, as perspectivas de vida etc. Nesse momento, os alunos poderão produzir suas próprias máscaras utilizando-se dos mais variados modelos e cores e materiais disponíveis, de forma criativa e lúdica. No encerramento da oficina/aula, o professor poderá explicar para os alunos, e a todos os presentes, o significado das máscaras para o povo africano e solicitar que os estudantes apresentem desfilam com as máscaras, apresentando o que eles compreenderam dessa tradição ou cultura africana.

Sexta semana: oficina de leitura

Nessa ocasião, serão realizadas diversas leituras de livros de autores negros e com personagens negros de destaque para que o educando possa conhecer e se reconhecer como sujeito relevante no contexto histórico e social brasileiro. O professor pode selecionar diversos livros, conhecidos ou não, para que o aluno explore e tenha a oportunidade de estudo de questões raciais a partir de poemas produzidos por autores afro-brasileiros, por exemplo, o educador pode propor a leitura do Poema, intitulado “Sou Negro”, de Solano Trindade. Logo após a leitura, o professor poderá conversar com os alunos a respeito do poema, destacando como ele traz uma visão de resistência e luta do negro ao longo da história, perguntando, também, o que eles entenderam sobre o poema que acabaram de ler, propondo, no encerramento da aula, que eles (os alunos) façam uma pesquisa sobre outros autores negros, devolvendo a pesquisa na aula seguinte com uma pequena discussão sobre o que eles encontraram, seja em vídeo, livros, ou quaisquer outras formas, o importante será o debate sobre os autores e os poemas.

Sétima semana: legado histórico quilombola

O professor poderá convidar um representante da comunidade quilombola para apresentar produtos e artesanatos confeccionados pelos quilombolas da região, como, por exemplo, a confecção de louças e artesanatos, no intuito de mostrar para os estudantes algumas das contribuições tecnológicas que as comunidades oferecem para a sociedade e fazer com que os alunos conheçam a prática do artesanato, por meio da experimentação, em que poderão confeccionar suas próprias louças a partir de orientações. Essa atividade poderá ser realizada na parte externa da escola para que todos tenham mais espaço e haja maior participação da comunidade escolar.

Além disso, o professor pode incentivar os estudantes a buscarem no *Google Maps* (com o uso da internet) a localização das diferentes comunidades quilombolas em sua região. Nesse caso, o objetivo é que eles possam (re)conhecer a diversidade cultural dos povos quilombolas, seus modos de vida, seus costumes, tradições, contribuições e influências na sociedade brasileira.

Oitava semana: jogos e brincadeiras africanas

Os jogos e as brincadeiras de origem africana são também muito importantes no processo de conhecer a cultura africana e afro-brasileira, bem como para trabalhar a memória, o trabalho em equipe e a consciência corporal etc. Todavia, faz-se necessário ressaltar que, através das brincadeiras africanas, os alunos têm contato com a ancestralidade africana, além de ser uma forma de promover momentos de aprendizado dinâmico e divertido. Dessa forma, os alunos, professores e demais atores educacionais são “convidados a refletir sobre sua própria identidade racial e sua interação com o mundo a partir dela” (Silva, 2000, p. 73).

Assim, para o encerramento dessa intervenção, serão propostas as seguintes brincadeiras e jogos¹³. O professor poderá optar por usar algumas ou, se achar conveniente, incluir todas em sua estratégia pedagógica:

Terra ou Mar? (Moçambique)

Essa brincadeira popular, cuja origem vem de Moçambique, os alunos darão muitas risadas e poderão exercitar o corpo, pois é muito simples e fácil de fazer:

- » Desenhe uma reta no chão;
- » De um lado da reta é “Terra”, do outro “Mar”;
- » No início do jogo todas as crianças ficam no lado da “Terra”;
- » Ao ouvirem: “Mar!”, todas as crianças devem pular para o lado do mar;
- » Ao escutarem: “Terra!”, devem pular o lado, pulam para o lado da terra;
- » Quem pular para o lado errado sai;
- » A última criança, a que pula sempre para o lado certo, vence o jogo.

Banyoka (Zâmbia e Zaire)

O termo Banyoka tem o significado de cobra nos países da Zâmbia e Zaire, por isso, este jogo é sobre o que imita o rastejar da Banyoka em grupo:

- » Defina uma pista, com linha de largada e de chegada;
- » Divida os jogadores em dois ou três grupos;
- » Os jogadores devem ficar em fila indiana, um atrás do outro, sentados no chão, formando uma “cobra” (as pernas devem estar afastadas e os braços colocados ao redor da cintura do colega da frente);
- » Ao sinal, cada grupo ou “cobra” deve mover-se sentado e em conjunto, arrastando se pelo chão sem se soltarem;

Vence quem chegar primeiro.

¹³ Fonte: <https://educamais.com/jogos-brincadeiras-africanas/>

Kudoda (Zimbábue)

Neste jogo, os jogadores sentam-se em círculo:

- » Colocam 20 bolinhas dentro de uma tigela;
- » O primeiro jogador tem uma bolinha e joga para o ar;
- » Enquanto a bola não cai ao chão, a criança tenta retirar todas as bolinhas que conseguir de dentro da tigela antes de pegar a bolinha atirada;
- » Este procedimento repete-se, até que todas as crianças tenham jogado; 5. Quando todas as bolinhas forem recolhidas, a criança que estiver com mais bolinhas é o vencedor.

Fogo na Montanha (Tanzânia)

Este jogo é originário da Tanzânia, e é muito simples, mas muito divertido:

- » Primeiro escolha o líder;
- » Peça aos jogadores para decidir uma “palavra-chave” em conjunto. Por exemplo: “casa”;
- » Com os jogadores de costas uns para os outros, peça para o líder dar as instruções;
- » Quem errar os movimentos sai do jogo.

Instruções:

- » “Fogo na montanha!” – todos os jogadores pulam e respondem “Fogo!”, mas permanecem de costas;
- » “Fogo no rio!” Os jogadores respondem “Fogo”, mas não pulam;
- » O líder indica outros lugares para o fogo e sempre os jogadores respondem “fogo” sem pular;
- » “Fogo no casa amarela” ou qualquer outra que contenha a palavra-chave, todos os jogadores pulam e giram para frente gritando “fogo”;
- » O líder vai dizendo vários lugares diferentes para o fogo e sempre os jogadores respondem “fogo” sem pular;
- » Na realidade, só pulam quando escutam o comando “fogo na montanha”;
- » Quem errar os movimentos sai do jogo.

Labirinto (Moçambique)

Com uma pedra em uma das mãos, sem que o outro saiba, os jogadores colocam-se de frente um para o outro:

- » No início do labirinto colocam-se duas pedras diferentes, uma de cada jogador;
- » A criança que tem a pedra estende as mãos ao colega, para que este adivinhe em qual das mãos está;
- » Se conseguir adivinhar, a sua peça é deslocada pelo labirinto;
- » Caso contrário, a peça do outro é que será movimentada;
- » Repete-se este procedimento até que a pedra de um dos jogadores chegue até um das crianças chegue ao fim do jogo.

O Silêncio é de Ouro (Egito)

Este é um jogo fantástico para brincar de faraó.

- » Organize as crianças em círculo;
- » Escolha uma para ser o faraó;
- » O faraó circula e faz um gesto engraçado ou tocar levemente nas crianças sentadas;
- » Se a criança não fizer nenhum barulho, passa para a próxima, fazendo o mesmo gesto ou toque, até passar por todas as crianças da roda;
- » Se alguma criança fizer algum barulho enquanto o faraó estiver a fazer os gestos, este passará a ser o Faraó.

Recursos Didáticos Necessários:

- » Notebook;
- » Datashow;
- » Caixa de som;
- » Cartolinas;
- » Papel-cartão;
- » Glitter colorido;
- » Tintas coloridas;
- » Pincéis e canetas coloridas;
- » Tecidos coloridos e/ou estampados;
- » Papel A4;
- » Tesouras;
- » Cola;
- » Desenhos e gravuras de pessoas;
- » Espelho;
- » Tapete para o desfile;
- » Revistas e livros;
- » Roupas e acessórios para o desfile;
- » Bonecos para o teatro;
- » Pedrinhas;
- » Tigela e bolinhas.

Desafios e Potencialidades

Pensar em um projeto de intervenção em uma instituição onde todos já estão habituados a certa rotina, por si só, já é desafiador, ainda mais quando se trata da temática étnico-racial, uma vez que esse debate no Brasil é considerado, por muitos, como polêmico e tenso, e até mesmo alguns educadores não se sentem confortáveis para abordá-lo, o que pode gerar certa resistência, não somente por parte dos professores, bem como dos alunos e também dos familiares destes. Contudo, é importante destacar que esse processo é necessário, considerando os vieses muitas vezes equivocados

sobre a questão racial na sociedade brasileira e que, a partir de um debate mais profundo e de práticas pedagógicas que englobem esse tema tão caro e necessário para a população negra, possa-se transformar ou redimensionar o olhar para a história e cultura dos povos negros de uma forma mais crítica e positiva.

Considerações Finais

O estudo da questão étnico-racial, através do projeto de intervenção, possibilita que tanto alunos quanto professores e familiares possam (re)conhecer outros vieses da história e cultura africana e afro-brasileira, vislumbrando contribuir para o combate ao racismo no espaço escolar e nos demais espaços da sociedade brasileira.

O projeto em questão busca enaltecer a raça e a identidade negra, visto que as características da negritude no Brasil não são reconhecidas e tampouco valorizadas, seja no trabalho, na família, nas mídias, nas escolas etc. Esse processo, por meio das ações e estratégias para a educação das relações étnico-raciais no chão da escola, pode auxiliar o professor em práticas antirracistas, que podem de alguma forma transformar a realidade escolar através de uma nova ótica sobre a questão racial.

O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no Ensino Fundamental II (EJA) é essencial para que não haja o silenciamento de conflitos raciais e nem a invisibilidade dessa temática nos currículos escolares. Além disso, é uma oportunidade para a valorização da identidade negra nesse espaço e fora dele. Para tanto, faz-se necessário ações antirracistas mais contundentes, não somente por parte dos professores e atores educacionais, bem como no que diz respeito às leis e estratégias de combate ao racismo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF, out. 2004.

CASTRO, Betel Pereira de. **Percepção dos acadêmicos do curso de pedagogia sobre a questão da educação para as relações raciais na formação inicial.** Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Educação: Macapá, 2023.192f.

CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CORENZA, Janaína de Azevedo. **Formação inicial de professores**: conversas sobre relações raciais e educação. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2018. (Educação, tecnologias e transdisciplinaridades). 219p.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. dos S. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. 6. ed. São Paulo: Selo negro, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Formações nacionais de classe e raça. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 28, n. 2, agosto, 2016. p. 161-182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/78FdfBCJpDTgzpPQkCpnTbF/?format=pdf&font-size=7pt>. Acesso em: 21 ago. 2024.

OLIVEIRA, Gleydson de Castro. O negro no teatro de bonecos: das tradições africanas ao teatro popular de bonecos do Brasil. **Kwanissa**, São Luís, n. 4, p. 4-25, jul/dez, 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/11087>. Acesso em: 05 set. 2024.

SILVA, Maurício. Educação e relações étnico-raciais no Brasil: tensões entre os currículos afrocentrado e eurocentrado. In: ROCHA, Wesley Henrique Alves da. - (org.). – **Racismo e antirracismo**: reflexões, caminhos e desafios. – 1.ed. – Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021. Ebook. 306p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Editora: Vozes, 2000. 133p.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM A LITERATURA DE CORDEL

Geraldo Magella de Menezes Neto¹⁴

Introdução

Apresentamos neste trabalho nosso plano de intervenção pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA), requisito da disciplina final do curso de formação continuada para atuação em Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional, do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), realizado no formato de Educação à Distância (EAD). Nosso plano é intitulado “Educação antirracista na Educação de Jovens e Adultos com a literatura de cordel”.

O autor deste trabalho atua como professor de História na EJA na Escola Estadual Ruth Passarinho, em Belém do Pará. Esta escola pública pertence à Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC), com a EJA funcionando no turno noturno, atualmente com quatro turmas, sendo elas das 3ª e 4ª etapas do Ensino Fundamental e 1ª e 2ª etapas do Ensino Médio.

Busca-se, com este plano de intervenção, colocar em prática os aprendizados adquiridos no curso, adequados à realidade que encontro no dia a dia do chão da escola pública. Além disso, este autor também escreve folhetos de literatura de cordel, tendo já lançado onze títulos voltados para a História e a Educação.

Nesse contexto, o plano “Educação antirracista na Educação de Jovens e Adultos com a literatura de cordel” visa contribuir com uma formação antirracista para os alunos da EJA utilizando como recurso didático a literatura de cordel. O cordel é um gênero literário que possui uma linguagem em versos rimados.

Nossa proposta é a de trabalhar com os alunos a história dos quilombos no Brasil colonial como forma de resistência negra à escravidão, o que também atende ao determinado pela lei 10.639/03, que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira em sala de aula. Para tal, escolhemos dois folhetos que são biografias de líderes de quilombos: “A história de Zumbi dos Palmares: uma inspiração na luta contra o racismo”, de minha autoria; e “Tereza de Benguela”, de Jarid Arraes.

Entendemos que as histórias de Zumbi e Tereza de Benguela são importantes para valorizar a história negra no Brasil e estimular uma postura antirracista na atualidade. A linguagem do cordel auxilia os alunos a compreenderem mais facilmente as narrativas, pois o fato de serem em versos rimados as torna mais acessíveis.

¹⁴ Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC-Belém). Professor de História, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA). Doutor em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Autor de folhetos de literatura de cordel.

Justificativa

Uma das principais marcas da sociedade brasileira ao longo da história que ainda se reflete na atualidade é o fenômeno do racismo, que iniciou no período colonial com os portugueses. A abolição da escravatura em 1888 não garantiu direitos à população negra no Brasil, que ainda precisa lutar na contemporaneidade por respeito e melhores condições de vida. Mesmo sendo crime, a prática do racismo ainda persiste na sociedade brasileira.

Nesse contexto, a educação possui importância essencial na formação de uma sociedade que valorize a herança afro-brasileira. O combate ao racismo passa necessariamente pela educação. É por meio de uma educação antirracista, que conscientize os brasileiros desde a sua formação escolar, que todos irão reconhecer a existência do racismo e de seus males para o país, podendo sonhar com uma sociedade menos desigual para com os negros. É com a educação que formaremos jovens comprometidos com o antirracismo e que divulguem valores de respeito a todos, independente de sua cor da pele e de sua origem e passem esses valores para as gerações seguintes.

A população negra também é parte do público atendido na EJA. Na escola Ruth Passarinho, presenciamos vários alunos negros em todas as turmas, desde os mais jovens até os mais idosos. Em tal realidade, cabe à escola discutir com os alunos temáticas que sejam pertinentes à sua realidade, e, no caso dos alunos negros, infelizmente, o racismo é algo que eles já vivenciaram de alguma forma.

Acreditamos que o ensino da história e cultura afro-brasileira, mais particularmente dos quilombos no Brasil colonial, pode ser uma ferramenta importante para a conscientização dos alunos sobre o racismo e a necessidade de se adotar uma postura antirracista, que deve ser uma ação de todos, seja negro, branco, indígena, oriental, etc.

Objetivo Geral

Valorizar a história e cultura afro-brasileira e estimular uma postura antirracista.

Objetivos específicos

- » Conhecer a biografia de negros que lutaram contra escravidão no período colonial, como de Zumbi dos Palmares e de Tereza de Benguela;
- » Conhecer a história dos quilombos no Brasil;
- » Estimular a leitura com a literatura de cordel.

Metodologia

Para desenvolver o plano de intervenção “Educação antirracista na Educação de Jovens e Adultos com a literatura de cordel” na escola Ruth Passarinho, nossa intenção, em primeiro lugar, é conhecer melhor os alunos. Para isso, a primeira tarefa é a elaboração de um questionário para que os alunos preencham, com perguntas sobre sua

idade, local onde moram, qual o objetivo em estudar na EJA, se sabem o significado de racismo e se já sofreram ou vivenciaram casos de racismo e preconceito racial.

Em seguida, trabalharemos com o livro didático sobre a história dos quilombos no Brasil colonial, destacando o quilombo dos Palmares no século XVII. Depois, os alunos irão fazer atividades sobre o conteúdo.

Após essas aulas introdutórias sobre o assunto iremos trabalhar com os folhetos sobre Zumbi e Tereza de Benguela. A leitura será realizada em voz alta de forma coletiva, estimulando a participação dos alunos. Para verificar o entendimento dos folhetos, elaboramos um questionário.

Nas próximas aulas, os alunos irão fazer cartazes ilustrando as histórias de Zumbi e Tereza de Benguela, apresentando-os em forma de seminário para a turma. A última atividade será a produção de um texto individual com o objetivo de narrar com as próprias palavras a importância de conhecer as histórias dos quilombos e a sua relação com o combate ao racismo na atualidade.

Desenvolvimento

Para desenvolver o plano de intervenção “Educação antirracista na Educação de Jovens e Adultos com a literatura de cordel” na escola Ruth Passarinho, nossa intenção, em primeiro lugar é conhecer melhor os alunos. Para isso, a primeira tarefa é a elaboração de um questionário para que os alunos preencham, com perguntas sobre sua idade, local onde moram, qual o objetivo em estudar na EJA, se sabem o significado de racismo e se já sofreram ou vivenciaram casos de racismo e preconceito racial.

Em seguida, trabalharemos com o livro didático sobre a história dos quilombos no Brasil colonial, destacando o quilombo dos Palmares no século XVII. Depois, os alunos irão fazer atividades sobre o conteúdo.

Após essas aulas introdutórias sobre o assunto iremos trabalhar com os folhetos sobre Zumbi e Tereza de Benguela. A leitura será realizada em voz alta de forma coletiva, estimulando a participação dos alunos. Para verificar o entendimento dos folhetos, elaboramos um questionário.

Nas próximas aulas, os alunos irão fazer cartazes ilustrando as histórias de Zumbi e Tereza de Benguela, apresentando-os em forma de seminário para a turma. A última atividade será a produção de um texto individual com o objetivo de narrar com as próprias palavras a importância de conhecer as histórias dos quilombos e a sua relação com o combate ao racismo na atualidade.

Recursos Didáticos Necessários

- » Folhetos de cordel: *A história de Zumbi dos Palmares: uma inspiração na luta contra o racismo*, de Geraldo Magella de Menezes Neto; e *Tereza de Benguela*, de Jarid Arraes, presente no livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*.

O professor irá providenciar cópias desses folhetos para distribuir aos alunos

- » Vídeos com reportagens sobre o racismo no Brasil e documentários sobre os quilombos no Brasil colonial.
- » Cartolinas, lápis de cor e canetinhas para elaboração dos cartazes.

Desafios e Potencialidades

Os desafios para a aplicação de um projeto de intervenção pedagógica na EJA são muitos. Em primeiro lugar, podemos citar o envolvimento dos alunos. A EJA apresenta muitas desistências de alunos ao longo do ano letivo, por diversos fatores, como questões familiares, necessidade de trabalho, mudança de residência, dificuldades no processo de aprendizagem que fazem o aluno desistir, questões de doença, problemas no deslocamento para escola, etc. Às vezes, o professor planeja a atividade para toda a turma, mas no dia para ser colocada em prática, infelizmente, aparecem poucos alunos.

Acrescentamos também a questão da motivação. Os alunos que já trabalham chegam cansados no turno noturno, com a mente e o corpo cansados, o que dificulta o envolvimento nas aulas. Já muitos dos alunos jovens, apesar de estarem estudando na EJA, ainda não apresentam a maturidade necessária para participar das discussões, alguns passam a aula inteira distraídos no celular.

Assim, o projeto aqui apresentado visa à construção coletiva de conhecimentos sobre a história dos quilombos no Brasil e o entendimento do racismo contemporâneo. A literatura de cordel possui um potencial pedagógico de despertar o envolvimento dos alunos, com a leitura coletiva e a realização de várias possibilidades de atividades oriundas dos versos rimados. Com a atividade, esperamos estimular a consciência crítica sobre o racismo, a capacidade de reflexão entre passado e presente a partir do conhecimento histórico e a adoção de uma postura antirracista.

Considerações Finais

Este projeto busca efetivar, para a Educação de Jovens e Adultos, o que Paulo Freire denomina de educação “libertadora”, educação para “emancipação” ou, ainda, uma educação que proporcione uma “conscientização”, o que é radicalmente distinto da chamada educação “bancária”, de memorização dos conteúdos.

Entendemos que a formação de alunos antirracistas se relaciona com todos esses pressupostos freireanos, pois dialoga com a realidade dos alunos, que, infelizmente, ainda é marcada pela presença do racismo em nossa sociedade, possibilita a reflexão, a partir do currículo da disciplina de História com temas como a história dos quilombos, e, por fim, traz uma intervenção que tem a expectativa de gerar uma transformação na postura, que é a de combate ao racismo.

Esperamos assim contribuir para uma sociedade mais democrática e igualitária, que saiba respeitar e valorizar as diferenças, sobretudo no que diz respeito às relações étnico-raciais e à história e cultura afro-brasileira. A EJA é um espaço muito importante para que essa mudança na sociedade aconteça.

Referências Bibliográficas

ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. (orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 19-50.

BRAGA, Maria Dalva Uchoa. É preciso conversar sobre a EJA. Falta de investimentos, esvaziamento e o fracasso das políticas públicas: os desafios que jovens e adultos enfrentam para ter direito à educação no Brasil. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, vol. 9, n. 05, mai. 2023, p. 694-720.

BRASIL. Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 15 set. 2024.

CAPUCHO, Vera. Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, Maria da Conceição dos Santos; FARIAS, Maria Celeste Gomes de; CONCEIÇÃO, Darinêz de Lima. EJA na Amazônia Paraense: ataques e resistências na luta pela educação pública e gratuita. Revista Teias, vol. 22, n. 65, abr./jun. 2021, p. 413-430.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. (orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Conscientização. São Paulo: Cortez, 2016a.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: São Paulo: Paz e Terra, 2016b. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GIROUX, Henry. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, Flávio dos Santos. De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, DF: MEC: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

JARDILINO, José Rubens Lima; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas. São Paulo: Cortez, 2014.

LIMA, Arievaldo Viana (org.). Acorda cordel na sala de aula. Fortaleza: Tupynanquim: Queima-Bucha, 2006.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. A história de Zumbi dos Palmares: uma inspiração na luta contra o racismo. Belém: Amazônia Cordel, 2023. (literatura de cordel).

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). Superando o Racismo na escola. 2 ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 15-20.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade étnico-cultural: a importância da história do negro e da África no sistema educativo brasileiro. In: MÜLLER, Tânia Mara

Pedroso COELHO, Wilma de Nazaré Baía. (orgs.). Relações étnico-raciais e diversidade. Niterói-RJ: Editora da UFF, Alternativa, 2013. p. 21-33.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20-31, dez. 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. As políticas de Educação de Jovens e Adultos no século XXI: diretrizes dos documentos demarcatórios em curso. In: BARCELO, Valdo; DANTAS, Tânia Regina. (orgs.). Políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015a, p. 25-51.

OLIVEIRA, Maria Olívia de Matos. Políticas públicas, cultura e currículo: referenciais para uma análise crítica na EJA. In: BARCELO, Valdo; DANTAS, Tânia Regina. (orgs.). Políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015b, p. 53-77.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. Introdução – Uma história da liberdade. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (orgs.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 9-28.

RIBEIRO, Renilson Rosa. A “Cunha” pós-colonial no currículo “Eurocentrado”: O que a Lei n. 10.639/03 tem a dizer para a Historiografia do Ensino de História no Brasil. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo. (orgs.). Consciência Histórica e Interculturalidade: Investigações em Educação Histórica. Curitiba: W&A Editores, 2016. p. 243-255.

SACRISTÁN, José. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil: quando a inclusão combina com exclusão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (orgs.). Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 94-107.

SERRA, Enio. Currículo e docência na Educação de Jovens e Adultos. In: SERRA, Enio; MOURA, Ana Paula Abreu. (orgs.). Educação de jovens e adultos em debate. Jundiaí-SP: Paco, 2017, p. 25-52.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido. Campinas-SP: Papirus, 2007.

SOUZA, José Carlos Lima de. Jovens na Educação de Jovens e Adultos: da presença incômoda ao protagonismo discente. In: SERRA, Enio; MOURA, Ana Paula Abreu. (orgs.). Educação de jovens e adultos em debate. Jundiaí-SP: Paco, 2017, p. 165-189.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. Quilombos: identidade e história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

“SILÊNCIO FERROZ”: PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAÚNA/MG

Charles Galvão de Aquino¹⁵

Introdução

Este plano de intervenção pedagógica foi desenvolvido com o objetivo de promover o resgate da história e da cultura na cidade de Itaúna, Minas Gerais, entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O foco principal será trabalhar a leitura, a escrita e a compreensão textual, utilizando como base a história afro-brasileira e religiosa local.

Dada a expressiva representatividade da cultura africana na história de Itaúna, que já representou 70% da população em 1831 e ainda hoje compõe uma parte significativa da identidade local, é essencial que os alunos da EJA, que muitas vezes carregam histórias ricas de vivências, tenham acesso a esse conhecimento. A intervenção busca não apenas despertar o interesse dos alunos pela história da cidade, mas também proporcionar um ambiente de reflexão sobre temas importantes como a preservação cultural, o respeito às diversidades religiosas e a identidade afrodescendente.

¹⁵ Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Divinópolis MG, com Projetos em Iniciação Científica de Pesquisa e Extensão vinculado ao PROINPE UEMG, FAPEMIG, PAPq e PAEx. Tem experiência na área de História na conservação, tratamento, organização e divulgação do Arquivo Histórico de Pitangui nos séculos XVIII, XIX e XX. Genealogista e pesquisador em arquivos Coloniais com leitura paleográfica. Pesquisa nas seguintes áreas: História do Integralismo em Minas Gerais, História dos Ciganos em Minas Gerais, História das famílias em Pitangui descendentes dos judeus sefarditas do século XV da Península Ibérica e aspectos culturais da Diáspora Africana com foco na região do Centro Oeste Mineiro.

Justificativa

A escolha do tema se justifica pela observação do “silêncio feroz” em relação à preservação da cultura afro-brasileira e a memória histórica de Itaúna, onde a comunidade negra foi essencial para a formação da cidade, mas cuja representatividade tem se enfraquecido ao longo dos anos. A intervenção é necessária porque a população da EJA, muitas vezes composta por pessoas que não tiveram acesso adequado à educação formal, pode se beneficiar amplamente ao se reconectar com as raízes históricas e culturais de sua cidade. A implementação do projeto é viável, uma vez que a Secretaria Municipal de Educação já oferta vagas para EJA no município, e as possíveis contribuições incluem o fortalecimento da educação inclusiva e a promoção de um ambiente escolar que valorize a pluralidade cultural e religiosa.

Objetivo Geral

Promover o resgate da história e cultura afro-brasileira de Itaúna entre os alunos da EJA, estimulando o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, e incentivando a reflexão sobre a diversidade religiosa e cultural.

Objetivos Específicos

- » Desenvolver a capacidade de compreensão e interpretação de textos históricos e culturais;
- » Fomentar o interesse pela história local, especialmente sobre a contribuição da cultura afro-brasileira em Itaúna;
- » Promover debates sobre o Estado laico e o respeito à diversidade religiosa;
- » Estimular a escrita criativa e o relato de vivências pessoais relacionadas à história da cidade.

Metodologia

A metodologia será baseada em práticas de ensino que incentivem a leitura, escrita e recurso audiovisual para uma reflexão crítica. Os alunos participarão de oficinas de leitura e escrita e narrativas audiovisuais, nas quais terão contato com textos históricos, músicas e vídeos sobre a história afro-brasileira e o desenvolvimento religioso em Itaúna. Serão realizadas atividades interativas, como debates e rodas de conversa, por meio das quais os alunos poderão compartilhar suas experiências pessoais e visões sobre os temas abordados. Também serão promovidas visitas a locais históricos, como o Alto do Rosário, para que os estudantes possam conectar o conteúdo aprendido em sala de aula com a realidade local. A interdisciplinaridade será incentivada, integrando disciplinas como História, Geografia e Ensino Religioso.

Desenvolvimento

O plano será desenvolvido em várias etapas, garantindo que os alunos da EJA tenham acesso a experiências variadas e dinâmicas. O professor desempenha o papel de mediador e facilitador, conduzindo os alunos ao longo do processo de descoberta e aprendizagem. A primeira etapa consiste em apresentar o tema principal da aula, informando que os alunos terão acesso tanto ao texto escrito quanto a um áudio narrativo da mesma história. O objetivo é proporcionar uma experiência multimodal, utilizando recursos auditivos e visuais para engajar diferentes formas de aprendizagem.

Após a leitura do texto e a escuta da narrativa em áudio, o professor estimulará uma conversa aberta com os alunos sobre suas percepções e aprendizagens, verificando se todos conseguiram acessar os materiais pelos dispositivos móveis. O professor precisará certificar-se de que todos os alunos possuem um celular para acompanhar o conteúdo e, caso contrário, soluções alternativas deverão ser providenciadas.

A próxima etapa do plano consiste em fomentar o interesse pela história local, perguntando o que os alunos já sabem sobre a cidade de Itaúna/MG e onde eles podem buscar mais informações. Durante as aulas, serão organizadas e programadas atividades interativas, tanto dentro como fora da sala de aula, incentivando os alunos a se engajarem com o contexto histórico da cidade. O estudo das tradições africanas será integrado, utilizando materiais como contação de histórias, vídeos e discussões em grupo sobre a contribuição afrodescendente na formação da cidade. Para enriquecer o entendimento histórico, o professor conduzirá debates sobre figuras históricas negras e locais de resistência afro-brasileira. A discussão sobre o racismo e como ele ainda se manifesta no cotidiano será abordada, proporcionando um ambiente de reflexão crítica.

Recursos Didáticos Necessários

Para a realização dessa intervenção, serão utilizados os seguintes recursos:

- » Celulares dos alunos para acessar os blogs que contêm textos e áudios narrativos sobre a história do município;
- » Recursos audiovisuais como imagens, vídeos e sons para ilustrar a história da cidade e das comunidades afrodescendentes;
- » Acesso aos blogs e à plataforma YouTube, nos quais estão disponíveis vídeos narrativos complementares ao texto.

Exemplo dos endereços eletrônicos:

- » Conteúdo escrito: História da Bandeira de Itaúna. Disponível em: <<https://itaunaemdecadas.blogspot.com/2024/08/bandeira-de-itauna.html>>.
- » Vídeo narrativo: História da Bandeira de Itaúna. Disponível no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=s_tnnmiSSfE>.

Desafios e Potencialidades

Um dos principais desafios enfrentados na aplicação dessa intervenção será o acesso desigual à tecnologia entre os alunos. Muitos podem não possuir aparelhos celulares ou não ter familiaridade com o uso das ferramentas digitais, o que pode dificultar o acompanhamento da proposta pedagógica. Além disso, a resistência a discussões sobre temas sensíveis, como racismo e diversidade religiosa, pode ser um obstáculo em algumas turmas, dependendo das vivências individuais.

Por outro lado, as potencialidades pedagógicas dessa intervenção são imensas. A metodologia proposta favorece o desenvolvimento da leitura crítica e a reflexão sobre temas relevantes, ao mesmo tempo em que promove o respeito às diferenças culturais e religiosas. Através de atividades interativas e do uso de recursos multimídia, espera-se engajar os alunos e fomentar uma aprendizagem significativa, valorizando suas histórias pessoais e culturais. A interdisciplinaridade e a conexão com o contexto local são elementos-chave que reforçam a relevância e o impacto desse plano de intervenção.

Considerações Finais

Com a aplicação dessa intervenção pedagógica, espera-se não apenas proporcionar o resgate da história afro-brasileira e religiosa do município de Itaúna/MG entre os alunos da EJA, mas também promover mudanças de atitudes em relação ao preconceito e à discriminação. A valorização da diversidade cultural e o fortalecimento da autoestima dos alunos são objetivos centrais. Ao longo do processo, espera-se construir um ambiente escolar mais inclusivo, que acolha e respeite as diferenças, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com sua comunidade.

Referências Bibliográficas

AFRODESCENDENTES NA HISTÓRIA DE ITAUNENSE: **Escravidão em Itaúna**

Parte 1. Disponível em: <<https://afrodescendentesitauna.blogspot.com/2018/02/escravidao-em-itauna-parte-i.html>>. Acesso em: 18/09/2024.

AFRODESCENDENTES NA HISTÓRIA DE ITAUNENSE: **Itaúna Censo 1831.**

Disponível em: <<https://afrodescendentesitauna.blogspot.com/2016/06/censo-1831-itauna.html>>. Acesso em: 20/09/2024.

ITAÚNA DÉCADAS: **Afro-itaunenses.** Disponível em: <<https://itaunaemdecadas.blogspot.com/2024/03/afro-itaunenses.html>>. Acesso em: 19/09/2024.

ITAÚNA DÉCADAS: **O Reinado em Itaúna:** Disponível em: <<https://itaunaemdecadas.blogspot.com/2018/04/reinado-em-itauna.html>>. Acesso em: 18/09/2024.

ITAÚNA DÉCADAS: **Os nossos pretos**. Disponível em: <<https://itaunaemdecadas.blogspot.com/2024/02/os-nossos-pretos.html>>. Acesso em: 19/09/2024.

ITAÚNA DÉCADAS: **Proteção unidimensional**. Disponível em: <<https://itaunaemdecadas.blogspot.com/2024/08/protecao-unidimensional.html>>. Acesso em 20/09/2024.

TABLOIDE PEDRA NEGRA: **História e cultura africana em Itaúna**. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/itaunadecadas/in%C3%ADcio>>. Acesso em: 20/09/2024.

NA ÚLTIMA *Tentativa*

Educar jovens e adultos que tiveram suas trajetórias atravessadas pela interrupção do fluxo escolar, em um momento histórico marcado pelo excesso de informações instantâneas, no qual o conhecimento é mediado por tecnologias que prometem pensar e analisar o mundo em lugar dos sujeitos, constitui um grande desafio. Nesse sentido, a arte, a cultura, a literatura e a estética são dimensões indissociáveis da educação e, quando articuladas, podem inspirar, no contexto das escolas brasileiras, metodologias rebeldes, capazes de deslocar o estudante do papel coadjuvante que usualmente ocupa para a condição de protagonista. Os esforços de cada autor na escrita dos planos de intervenção pedagógica, presentes nesta obra, traduzem o compromisso de quem acredita em uma educação inquietante e transformadora.



QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA DO IFNMG?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

A Editora do IFNMG está presente em:

<https://editora.ifnmg.edu.br/>

Apoio:



cedaps

Centro de
Promoção da Saúde



Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora do IFNMG

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora do IFNMG

Tel.: (38) 3218-7326 – E-mail: editora@ifnmg.edu.br

Conheça o IFNMG: <https://www.ifnmg.edu.br/>